Universidade Federal de Campina Grande

NDHDL
Núcleo de Documentação Histórica Deusdedit Leitão

CFP
UFCG - Campus de Cajazeiras - PB

FLOR DE LIZ

Números:

Novembro 1927

Cajazeiras
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Formação de Professores - CFP
BIBLIOTECA
CAMPUS V - BODOCÓ - CAJAZEIRAS - PARAÍBA

FLOR DE LIZ

- 1927 -

Nº 10 - **AGOSTO**
Nº 11 - **OUTUBRO**
Nº 12 - **NOVEMBRO**

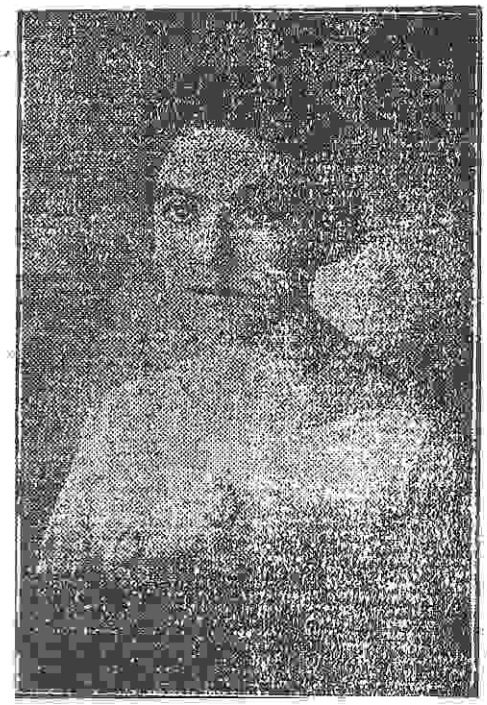
CAIASEIRAS — PARAHYBA

7 NOVEMBRO DE 1927

FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

A ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA



MADEMOISELLE DE JULIA TAVARES

ANNO I

NUM. 12

"Flor de Liz"

[illegible]

Com permissão da Autoridade Diocesana.

[illegible] MORAL CATHOLICA, AMPLA LIBERDADE

ASSIGNATURA | ANNUNCIOS

ANNO [illegible] | MEDIANTE AJUSTE COM A [illegible]

NUMERO [illegible]

TODA CORRESPONDENCIA PARA A FLOR DE LIZ DEVE SER DIRIGIDA Á SECRETARIA ALINE ROLIM

Santa Teresinha e Dom Sebastião Leme

Os «Annales de Ste. Thérese de Lisieux», orgão da propaganda do culto á miraculosa santinha, em seu numero de Outubro, secção «Pelerinages et Pélérins» insere a seguinte interessante nota editorial:

«Iamos entrar no prélo quando recebemos a visita de S. Excia. Revma. o Sr. Dom Sebastião Leme, Arcebispo Coadjuctor do Rio de Janeiro. O eminente Prélado foi, desde a origem, um dos mais zelosos promotores da devoção á nossa santa em seu vasto paiz, e tomou parte activa na subscripção aberta para a dadiva nacional da tão bella urna brasileira. S. Excia. dignou-se além prometter-nos [illegible] seu alto e valioso apoio ao nosso projecto actual da Basilica de Lisieux, tanto mais quanto o [illegible] possuirá [illegible] Basilica de Santa Teresa e uma parochia [illegible] sob sua invocação [illegible] bello bairro de Botafogo.

[illegible]

protecção de que foi alvo:

«Fui operado na Suissa por um dos mais celebres cirurgiões do nosso seculo. Meu caso era particularmente grave e assim veio a exigir uma intervenção laboriosa que durou duas horas. Eu não fôra anesthesiado e como possúo um temperamento muito nervoso, senti logo que meu coração palpitava tão violentamente que eu acreditava morrer. Invoquei, então, Santa Teresa do Menino Jesus e a vi em espirito passar lentamente deante de mim; parecia-me preoccupada, como se houvesse de effectuar uma difficil tarefa. Immediatamente invadiu-me uma calma extraordinaria. Soffri muito, mas não fiz movimento algum e não deixei escapar o mais leve gemido. [illegible] Pr. [illegible], homem [illegible] [illegible] em seguida [illegible] [illegible] encontrado entre os meus [illegible] pessôas [illegible] Monsenhor [illegible] [illegible]

«E [illegible] a quem dever [illegible] prosegue Monsenhor. [illegible] para Roma [illegible]

«Fizeste bem em recusar o chloroformio, disse-me o Papa. Cumpre que nós, sacerdotes, saibamos soffrer por amor das almas.

«Sim, Santissimo Padre, respondi-lhe, mas tudo o merito n'este meu caso reverte a Santa Teresa do Menino Jesus. Eu fôra antes a Lisieux confiar-me a ella e na hora da operação por ella chamei [illegible] soccorro.

«Esta Santa [illegible] pucou então [illegible] é tão bôa.»

Depois [illegible] Padre interrogou-me [illegible] Lisieux, a [illegible] uma bella [illegible] de Santa Teresa?»

[illegible]

O que este n. contem

Flor de Liz n. 13

[illegible]

[illegible] Dom [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] Patares

[illegible]

[illegible] Carolic da Paixão

[illegible] Teresa[illegible]

[illegible]

[illegible]na.

[illegible] mais amolo [illegible] numerosas [illegible] osten[illegible] [illegible]igilla. Eu [illegible] dedicar an[illegible] [illegible] beatificada, o [illegible] Padres Carmelitas Descalços do Rio de Janeiro projectavam então edificar sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo. «Não, lhes disse então, este novo templo será para sua filhinha». Lancei a primeira pedra, presedi a inauguração e, todos os annos, não deixo de ali assistir á sua festa solemne de 30 de setembro. Em breve inaugural-a-ei como Basilica. Esse santuario é local de perpetuas perigrinações e já são innumeraveis as conversões que alli se operam. A Santa age sobretudo entre os homens e os espiritos cultos e, até mesmo, com frequencia, entre personalidades politicas. Eu vi alli se converterem e commungarem homens notoriamente incredulos, membros do governo, cujas lagrimas trahiam a emoção. Verdadeiramente esta Santinha, esta Menina, é o maior milagre da nossa época!

Estamos, no Rio, cuidando de erigir uma estatua monumental do Christo Redemptor sobre uma montanha á entrada da magnifica bahia, o sitio mais grandioso do mundo.

Pois bem: projecto de collocar, fazendo-lhe frente sobre o outro monte, a estatua de Santa Teresa do Menino Jesus.»

Vestidos transformaveis

[illegible]

As nossas florestas não só offerecem madeiras [illegible] resistentes, oleos muito per[illegible]dos, como tambem inestimaveis materias corantes. Citam-se [illegible] «karagiuú» fornece um pó vermelho, proprio para a pintura da face. O «porter[illegible]» dá um pó azul lindissimo. A «tintureira» fornece tinta vermelha. A «ruivinha dos campos» dá tinta amarella, muito commum no Estado de Minas. O «genipapo» fornece tinta azul ferrete, com que os indios faziam tatuagens. A «[illegible]» dá uma tinta com que o povo tinge as roupas de algodão. O «roxilho» produz tinta vermelha. O «arribá», tinta côr de rosa. O «anil» é originario da Asia, mas cultivado no Brasil desde 1779. O «muc[illegible]» [illegible] fructos que dão boa tinta preta. O «pau campeche» fornece tinta de varios matizes.

[illegible] quer hora do dia, o mantean escuro, apertado n[illegible] gesto gracioso, que torna [illegible] bella a sua «silhouette», com a golla bem levantada, quasi escondendo o rosto. Sómente quando entra numa loja ou numa sala, abrirá o «manteau» e mostrará que está vestida, segundo a exigencia da hora: «sweater» de malha, abotoado até ao pescoço, se é de manhã, ou com o «gilet» de brocado bordado, á tarde.

O «jersey» e o velludo de algodão em côres escuras, são muito usados para o «manteau» e para o vestido. Sobre ella vestem as «sweaters», ou os «gilets» de malha de lã em côres claras de manhã; á tarde emfim abre o vestido as blusas cruzadas feitas em [illegible] lado «crepe satin», brocado branco e prata, ou numa côr fulgurante, vermelho ou azul, que são de um grande «chic».

Assim com a maior [illegible] [illegible] mulher [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DA [illegible] ... *** OFFICINAS GRAPHICAS D'«O RIO DO PEIXE».

ANNO I — CAJAZEIRAS—PARAHYBA, NOVEMBRO DE 1927 — NUM. 12

Embaixadas DA amizade

HONTEM FOI O CRATO QUE, DO VERDE-GAIO DE SUA FARTURA, LÁ DO SOPÉ DO ARARIPE, NOS MANDOU NA EMBAIXADA CHEIA DE GRAÇA DE SUAS FILHAS GENTIS, UM SORRISO DE SUA ALMA; HOJE—ESTE MEZ, É PATOS—A RAINHA FULGURANTE DO PINHARAS, QUE NA MISSÃO CHEIA DE FRATERNIDADE DE SEU POVO, NOS MANDA UM ATTESTADO DE SUA INEXCEDIVEL FIDALGUIA.

COMO CAJAZEIRAS SE ORGULHA DESSES GESTOS DE CAPTIVANTE GENTILEZA!

COMO ISTO ABRE PARA O SERTÃO, ENCRAVADO NO MESMO SEIO DE FOGO, RUMANDO O MESMO DESTINO SEMPRE VELADO NA MESMA CURVA LONGINQUA DO AZUL, UMA EPOCA DE MAIS VERDES ESPERANÇAS, DE MAIS FUNDADAS ESPECTATIVAS!

PORQUE ISTO É A UNIÃO. UNIÃO DE IDEAES, UNIÃO DE SYMPATHIAS, UNIÃO QUICÁ DE FAMILIAS.

PATOS, LÁ ONDE A BORBOREMA AINDA PROJECTA A MAGESTADE DE SUA SOMBRA, E CAJAZEIRAS, AQUI ONDE A PARAHYBA ABRAÇA O CEARÁ, SENTEM-SE HOJE MAIS IRMÃS PORQUE SE CONHECEM MELHOR NA AMIZADE DE SEUS FILHOS.

SEJA MAIOR, POIS, AS ENCOMMENDAS DA AMIZADE!

A NOVA TURMA DE PROFESSORAS DA ESCOLA NORMAL

E'-NOS PARTICULARMENTE GRATO NOTICIARMOS A SAHIDA DE MAIS UMA TURMA DE PROFESSORAS DE NOSSA ESCOLA NORMAL, PORQUE ENTRE ELLAS FIGURAM TRES DE NOSSAS SOLICITAS CONFREIRAS DA ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA. SÃO ELLAS: JULIA TAVARES DE MELLO, TARQUINIA ALBUQUERQUE E AMAZONA REIS CUJOS DESENHOS ORNAM A CAPA E ESTA PAGINA DE NOSSA REVISTA.

AS DIGNAS COMPANHEIRAS DA ARREGIMENTADA ACABAM DE COMBATE EM PROL DA BOA CAUSA — O DIPLOMA QUE AS AUTORISOU INFLUIR MAIS IMMEDIATAMENTE NOS DESTINOS DE NOSSO PAIZ, COMO EDUCADORAS.

AS DEMAIS RECEM-DIPLOMADAS SÃO AS SENHORINHAS STELLA CARTAXO, ARACY LEITE E MARIA EULINA BRAGA.

RENDAMOS TAMBEM NESTE REGISTRO NOSSA SINCERA HOMENAGEM AO DIGNISSIMO DIRECTOR DA ESCOLA, MONS CONSTANTINO VIEIRA.

EVANGELHO DAS AVES

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Uma avesinha chorosa
ao ninho de quando em quando
dizia assim: «Meu amor!
«Meu filho! Respeita os ninhos!
«Deixe em paz os passarinhos,
«que são filhos do Senhor!»

Mas todos esses conselhos
Não encontravam guarida
n'alma dura e empedernida
do perverso caçador.

Era de ver-lhe a alegria
quando, após a pontaria,
O passarinho cahia
de papo p'ra o ar, no chão,
e os pésinhos entrançados,
como quem faz oração.

* * *

De uma feita o «ruvinhoso»,
atirando n'um «cupido»
que n'um ipê todo florido
suspirava uma modinha,
viu o gigante piedoso
engrinaldar-lhe o cadaver
com as flôres todas que tinha.

Sem attender aos pedidos
e, aos rogos de sua avó
um dia, vindo da escola,
trouxe comsigo, escondidos,
dois filhos de curió.

Mas, desta vez o malvado,
o roubador foi roubado!!
Pois o maroto do gato,
para ser «grato» ao ingrato
comeu-os naquelle dia.

O ladrão, abrindo a bocca,
fez tamanha gritaria,
que assim a avó lhe falou:
«Meu filho, dos criminosos
«qual foi o maior culpado?
«Tu? Ou o bichano esfomeado?
«Foste tu, que aos paes ditosos
«roubaste, sem dor nem pena,
«o que o gato te roubou!

«Deus premeia e Deus condemna.
«Se choras os desgraçados,
«Os petizes devorados
«pelo felino voraz,
«imagina soffrimento,
a dôr, a magua, o tormento
e o desespero dos paes!»

A resposta do bandido
á velhinha acabrunhada
era um sorriso cuspido
dentro de outra gargalhada!

* * *

Censurando-o, docemente
a sua avó insistente,
não cessava de dizer:
«Meu filho, meu pobre filho!
«Tú has de te arrepender!
«Pensa em Deus! Se a nossa vida
«é tão escassa e pequena:
«Se a morte compadecida,
«é uma agonia serena,
«a pena de se viver
«neste mundo a padecer,
«vale, meu filho, o prazer
«de a gente morrer sem pena.»

A resposta do bandido
á velhinha acabrunhada
era um sorriso cuspido
dentro de outra gargalhada!

* * *

Quem proferisse o seu nome,
escutando o passaredo
trilar no matto sombrio,
veria logo que as aves,
apavoradas de medo,
não davam mais nem um pio!

No vergel que circumdava
a casa onde elle morava,
não pousava um bemtivi!
Todo passaro emigrante
passava sempre distante
e mudo longe dali.

Quando no bosque se ouvia
a floração de um suspiro,
não se passava um minuto,
sem que a espingarda do bruto
puzesse um ninho de luto,
manchando os ares com um tiro

Nem mesmo nos seus fureres,
o truculento Mephisto
respeitava os beija-flores,
essas lagrimas das côres
da Paixão de Jesus Christo!

Todas as pennas reunidas
das aves surprehendidas
pelos seus tiros mortaes
formariam, colloridas
em quantidade tamanha
uma lisada montanha
de corações maternaes.

Hymno do café

CANTADO POR OCCASIÃO DO CENTENARIO DA [illegible] DO CAFÉ NO BRASIL

[illegible]
Vae [illegible]
[illegible]
[illegible]

Dos novos [illegible]
Que plasmam [illegible]
Forte e viril
Novo Brasil.

[illegible] morros, serras
De verde toucam-se
E de encarnado..

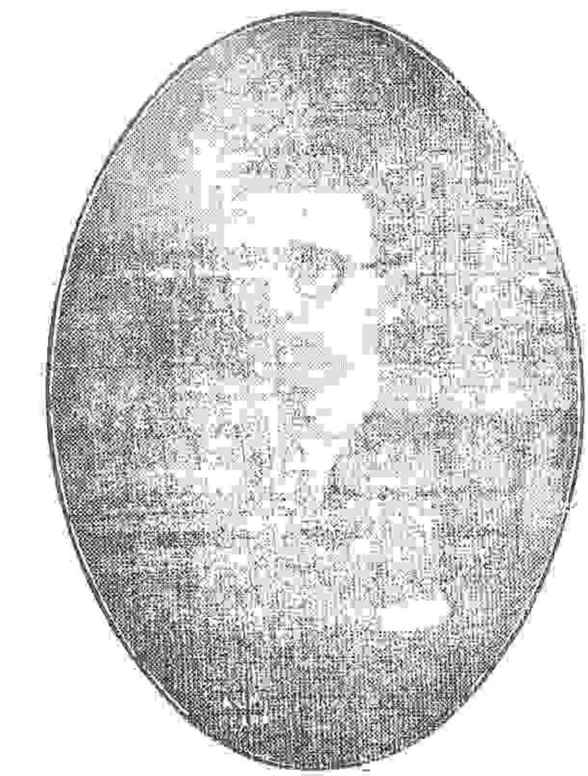
Assim, paulistas terras,
Sois visão magica,
De um El-Dorado!

A floresta
Alem recúa..
E logo veste a
Terra nua

A chlamyde rubiacea.
Tecida pela audacia
De mãos de heroes
Fugindo aos sóes.

Oh successão intermina
De pautados cafezaes!!
Verdes filhos collossaes
Da epopéa do labor!

Cantai num epinicio,
A gentil verde belleza
Deste arbusto que é riqueza
Força e fulcro do Brasil.



DR. OCTACILIO JUREMA, MEDICO MOÇO E HUMANITARIO QUE NÃO DEIXA O MISERAVEL RETIRAR-SE DE SUA PORTA SEM DAR-LHE OS LENITIVOS COM AQUILLO QUE A MEDICINA LHE ENSINOU.

Retrato de Jesus

Publio Lentulo escreveu ao Senado Romano, sendo governador da Palestina, a seguinte carta:

«Nestes tempos tem apparecido [illegible]

[illegible]to veneravel, e quem n'Elle põe os olhos sente-se cheio de temor e amorosa reverencia; tem o cabello côr de avelã bem sazonada, liso e muito igual até chegar ás orelhas e de alli para baixo crespo e um pouco mais claro e resplandecente, cahido sobre os hombros e partido segundo o costume dos Nazarenos; a fronte lisa e muito serena; todo o seu rosto sem ruga ou mancha é aformoseado com uma côr viva e [illegible] candida, na bocca e nariz não ha que reprehender; a barba é abundante e [illegible] da mesma côr que o cabello, [illegible] ao meio e não [illegible]; seu olhar é [illegible] e honesto, os olhos garços e brilhantes é terrivel [illegible] [illegible]

arguir com gravidade, ninguem o ha visto rir, chorar sim tem todos os membros proporcionados á sua estatura, as mãos compridas e direitas, os braços agradaveis, fala pouco, com [illegible] gravidade e modéstia, [illegible] em uma palavra [illegible] formoso dos homens. «Esta é a imagem de Christo.»

NA ESCOLA

Mestre—Então? Você já esqueceu os quatro pontos cardiaes? Vamos lá: tem na frente o Norte, á direita o Nascente, á esquerda o Poente. E atraz?

Menino—Atraz? tenho um remendo no assento das calças que mamãe pregou hoje. Eu bem disse a ella que todo o mundo havia de ver...

A QUEIMADA

Duas horas da tarde! Um vento brando
Sopra frouxo das bandas do nascente.
Dos tocheiros attento envestе o bando
Em derredor do aceiro ás moitas rente.
Rapido se houve um crepitar de folhas,
Estalidos queixosos de gravetos.
E o fumo espiralando em sacarolhas
Adensando-se logo em tufos pretos.

Em varios pontos atacado, e incendio
Rubro e feroz, alastra-se violento.
Atiçando-o, desdobra, alarga, estende-o,
Só por brincar talvez agora o vento
E o fogo avança em ondas circulares,
Uns sobre os outros os esgalhos grossos
Tombam combustos, lafurando os ares,
Num totalar funambulesco de ossos.

Depois envestе e cresce em labaredas
Lambendo a frente o que encontrou primeiro.
E tremem de pavor as alamedas
Dos marmeleiros no beiral do aceiro.
Linguas de fogo iubidas se alteiam,
Chocando se umas contras as outras, bravas.
Abraçam-se, repellem se, rabeiam
Jorrando fumo, espadanando lavas.

Ouvir berros e urros e grunidos
Que se prompera do meio da fornalha.
Assobios estridulos, geuidos
Abafados, descargas de metralha,
E o fumo em rólos tumidos subindo,
E' se ter a impressão de um monstro alado
As flamineas mandibulas rangendo,
Cavando o chão, resfolegando irado.

Chega o momento extremo de agonias
Em que se aperta o circulo infernal:
E' quando as chammas horridas, bravias,
Se erguem num turbilhão descommunal,
Qual passaro infernal de plumbeas azas
Que aninhado no fogo, bem do centro,
Num repuxo de chammas e de brasas,
Abalasse de arranco céos a dentro.

Quem de longe a queimada acaso avista
Nota o fumo elevando-se em columnas,
Deitado em barras, alongado em crista
Como espumeos bulcões de nuvens brunas;
Depois em franjas côr de chumbo e cobre
Se esgarça, como cirro espesso e baço
E pouco a pouco do céo desnudo encobre
Escurecendo e abafando o espaço

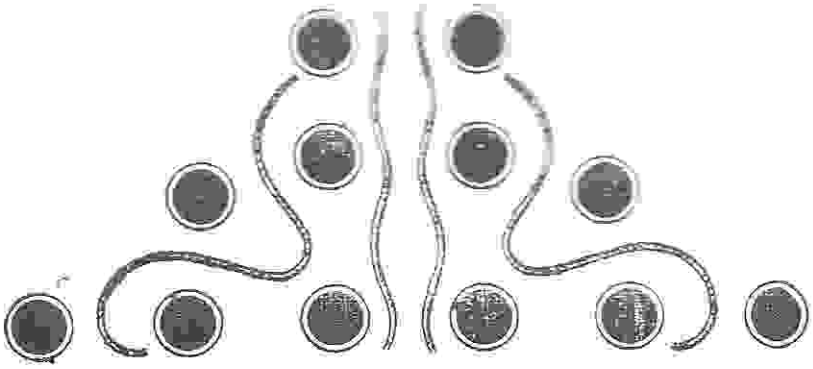
E' noite. O fogo esmorecera aos poucos
Sem a volupia do primeiro embate.
Os troncos verdes de arreiro, e os toucos
Dos sobreviventes do combate,
Estes de pé, hirtos aquelles, teimam.
As cachaças como orbitas vermelhas.
Grandes chagas em carne viva queimam
Soltando ao vento rutilas scentelhas.

E a esse entulho de cinereas lousas,
Forno infernal de cremação, de exeidio,
Vêm as astutas, sofregas rapôsas
Bacorejar cadaveres de opidio,
Si o já não fez cracará faminto.

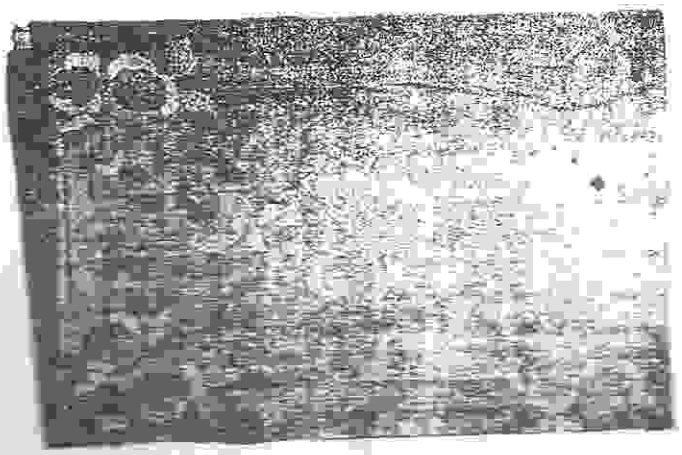
. . . . . .

E quando o sol abre-se a manhã
Das cinzas em meio ao labyrinto
Desata em canto estridulo a acauã.

CHRISTIANO CARTAXO



DAMOS AGUI UM LINDO E FACIL MODELO. O CLICHÊ ACIMA MOSTRA MAIS AMPLIADO O BORDADO QUE DÁ TANTO RELEVO AO CONJUNCTO. O OUTRO É TAMBEM UM TRABALHO DE MUITO GOSTO QUE NÃO HÁ DE DESAGRADAR A NOSSAS.



Sentença de morte contra o Redemptor

A sentença de morte contra Jesus não é do todos conhecida, por isso damol a aqui:

No anno XIX de Tiberio Cesar. Imperador romano de toda edade, monarcha invencivel, na olympiada CCXI e da Fundação de Roma segundo a numera computo X dos hebreus, quatro vezes mil oitenta e seis, do progresso do romano Imperio do anno LXXIII e da libertação do captiveiro da Babylonia no anno MCCVII sendo governador da Judéa Quinto Serrio, sob o segimento e governo da cidade de Jerusalem, presidente gratissimo Ponsio Pilatos; regente da Bahia Galiléa Herodes Antipas; Pontifice Summo sacerdocio, Caifás; magno do templo Alis Almael, Roban Achabel, Tranchino Centauro consules romanos na cidade de Jerusalem.

Quinto Cornelio Sublime e Sixto Pompilio Rustano mez de Março e dia 25 do mesmo. Eu, Ponsio Pilatos, aqui presidente do Imperio Romano, dentro do Palacio e archi residencia, julgo, condemno e sentencio á morte Jesus, chamado pela plebe—Christo Nazareno—e galileu de nação, homem seducioso contra a lei moisaica, contrario ao grande Imperador Tiberio Cesar. Determino e ordeno por esta que se lhe dê a morte na cruz, sendo prégado com cravos como os réus, porque congregando por aqui muitas homens ricos e pobres, não tem cessado de promover tumultos por toda a Judéa, dizendo-se filho de Deus, Rei de Israel, entrando com a ruina no templo e do sacro templo expulsando o tributo a Cesar. Judéa queda o imperio romano sobre com ramos e em triumpho e com parte da plebe dentro da cidade de Jerusalem, ligado e açoitado, e que seja vestido de purpura e corrido de alguns espinhos com a propria cruz nos hombros para que sirva de exemplo a todos os malfeitores: e que, justamente com elle sejam conduzidos dois ladrões homicidas; e sahirão pela porta Sagrada, hoje Antoniana e que se conduza Jesus ao monte publico da Justiça chamado Calvario, onde crucificado e morto ficará seu corpo na cruz como espectaculo para todos os malvados, e que sobre a cruz seja posto este titulo em tres linguas: hebraica, grega e latina: «Jesus Nazarenus Rex Judeorum. Mando tambem que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição se atreva temerariamente a impedir a justiça por mim mandada, administrada e executada com todo o rigor segundo os decretos e leis romanas sob as penas de rebellião contra o imperio romano.

Testemunhas da nossa sentença:

Pelas doze tribus de Israel Rabbaira Daniel, Robbain Joaninim, Bonicar, Barlasu Laré Petuculani.

Pelos phariseus: Bulfe, Simeão, Banoi, Rabbim. Mardoani, Boucurfossi

—Pelos hebreus; Matumberto—Pelo imperio e pelo Presidente de Roma

Lucio Sextilio, Arancio Chillio!!

A copia da sentença supra fielmente transcripta pelo Jornal do Brasil, existe no archivo da Real Academia de Historia de Hespanha.

Na cidade de Aquilia, na Italia, appareceu no anno de 1530 esta copia escripta em pergaminho.

ROMANCE
de
Paulo Keller

O LAR

Traducção
autorisada
Justino Mendes

(CONTINUAÇÃO—IX)

Sim? E quando eu tive que ser recolhido.... como indigente?... O sr. pensa que um trapeiro não tem sentimentos de pundonor? E' coisa que não esquece o não ter sido deixado morrer á fome, no meio dos farrapos e da miseria. E, a falar a verdade, eu não sei o que fazer com o dinheiro. Muitas vezes já pensei que podia inventar qualquer coisa, enfeitar a Elisa e assim... ou até mesmo virar um homem ás direitas. E dava-me o riso ao lembrar-me disso. Parecia-me tão exquisito! E assim fui sempre adiando. Ainda se arranja tudo, pensava. Deixa a menina! E' melhor que ella pense ser pobre. Assim será uma bôa menina. Tudo se arranja.

Eu ainda me embebedo e jogos aos dados!—exclamou Reichel, o capataz. Era a primeira vez que se enthusiasmava.

Os dentais, porém, estavam com os olhos fitos como em grande perplexidade. Seguiu-se uma pausa. D. Anna pegou na mão de Berger.

—Mathias, e sr. quer me tornar a morte mais facil.

—Mamãe, mamãe!

—Menina; Anna! não fale assim. Não posso ouvir isso!

A senhora abanou lentamente a cabeça e cobriu o rosto com as mãos.

Mathias Berger não disse nada. Por [illegible] ficou quieto e com o rosto em fogo. Depois [illegible]

[illegible]

[illegible]

rico, e o outro está enterrado. Mas ainda não lhe pertence. Vem um pretendente mais poderoso... a morte. Já está por alli nas incultas campinas. Breve galgará as ruinas e o pateo, e levará a Anna para sua casa silenciosa. E os homens tocarão sinos e cantarão a esse casamento e depois rir-se-ão e irão beber como faziam agora os freguezes alegres além na taberna. E o Mathias tornará a correr terras com seu carrinho de trapeiro em procura do esquecimento.

—Mathias! Mathias, onde está?

—Henrique! Vem cá, Henrique!

—Mathias, sente se mal?

—Não é nada, Henrique! Estava pensando em muita coisa, Henrique, nós dois estaremos sempre unidos.

—Sim, Mathias. Folgo muito que queiras ser meu tutôr.

—Tutor dizem nos cartorios: nós dizemos amigo. Agora ha de me tratar por *você*, Henrique, e eu tambem farei o mesmo. E não haverá ninguem no mundo que nos separe!

E apertaram as mãos.

VII

Era cerca de meia noite.

A herdade das Faias estava havia muito tempo em silencio; no salão da tasca tambem estavam as luzes apagadas. Só duas quarto de cima sahia um ligeiro clarão.

[illegible] Schreger estava [illegible] de pé.

[illegible] estava [illegible] em silencio na casa e Schreger [illegible]

[illegible]

nitidamente.

Lá, bem perto da torre, descançava Germano Raschdorf a primeira noite! Jazia debaixo da terra gelada e dura, sob uma tenue mortalha, e seus visinhos á direita e á esquerda eram mortos, gente que ha muito dormiam lá embaixo.

Como devia ser aquillo silencioso! Apenas os vermes roiam na madeira e nos ossos, e ás vezes quebrava-se a tampa de um caixão.

Então descia a terra e opprimia... opprimia pesadamente.

Schreger estremeceu de frio e afastou-se da janella.

Era um tolo em estar a matutar. Não havia remedio; portanto assentou-se na borda do leito e deixou-se cahir sobre os travesseiros. Mas o somno não descia ás suas palpebras. Continuava olhando para a luz vermelha que chiava baixinho. Parecia que a lamparina sangrava e chorava.

Schreger cerrou os olhos. Porque havia de pensar sempre no Raschdorf? Havia desapparecido. Não lhe podia fazer nada, nem siquer torcer-lhe um cabello. E, até que elle tivesse de descer lá para baixo, decorreria muito tempo. E então de ha muito o outro estaria reduzido a pó.

Nisso lá fóra aproximou-se qualquer coisa. Schreger pôz-se á escuta. Aproximou-se mais... estacou... reinou o silencio. Mas tornou á approximar-se... empurrou uma cadeira e poz-se de novo o silencio. Ouviu-se distinctamente um gemido á porta.

Schreger [illegible] meio. Tremia a um suor frio correia-lhe da testa. As mãos frias e [illegible] apoiavam-se no [illegible]

E então sentiu-se apalpar a porta e ouviu-se a voz do idiota.

—Socorro! Ah! É você, Gustavo? O que é que você quer?

O idiota que estava em trajes menores, levou o dedo á bocca.

—Pshiu! Silencio! Venho dizer lhe uma coisa.

Chegou-se ao pae com os olhos sinistramente scintillantes, e murmurou lhe ao ouvido:

—E' a alma delle!

Schreger empallideceu.

—Gustavo, como póde atrever-se assim de noite...

—Pschiu! Sósinho tenho medo: Elle vem... corre pelos campos... com espingarda... eu o vi... quer me atirar... e por isso vim cá... você tem que me esconder... e dê-lhe dinheiro para que não atire. Pae! O Raschdorf!

Schreger sentiu febre.

—Gustavo, você vá já para o seu quarto, e deite-se. Isso é uma loucura!

O idiota rompeu em gritos e Schreger teve que tapar-lhe a bocca.

—Cala a bocca, Gustavo, cale a bocca sinão ouvem. Póde ficar aqui. Não grite... não grite, Gustavo... venha, deite-se na cama, eu o ajudo a despir... está ahi... E agora deite-se, eu o cubro bem.

O idiota batia os dentes depois de deitado.

—Não tenha medo Gustavo, não tenha medo, não vem ninguém. Socegue! Não vem ninguem.

—Olhe, eu o vi! Elle já sabe que foi eu quem poz o fogo.

—Socegue. Gustavo, socegue! Não foi você que poz fogo.

—Fui! Com dois paus de phosphoros! Elle quiz me tocar para fóra... ah, e fazia tanto frio!

—Si você não fica quieto, Gustavo, vem o soldado. Não [illegible]

[illegible]

—Cuidado, Gustavo, cuidado!

[illegible]

e pegou nas mãos do rapaz. Bemsinho o foi persuadindo e ordenou-lhe que fechasse os olhos.

O idiota occultou-se no fundo da cama, segurando com a mão crispada á mão do pae.

De tempos a tempos dava um grito e Schreger lhe tapava a bocca. Assim passou meia hora de tormento, depois o rapaz poz-se a chorar baixinho e por ultimo adormeceu.

Schreger ergueu-se. Seu rosto estava pallido e contrahido. Uma terrivel praga em voz baixa sahiu-lhe dos labios. Aquelle homem reconhecia que um verme se introduzira na medulla de sua vida e que nunca mais sahiria.

Lentamente foi á secretaria que estava encostada á parede e tomou um jornal. Era a mesma folha de que Gustavo, no dia do incendio, formára um capacete, desdobrando-o em seguida e contemplando-o tão avidamente.

A folha continha uma gravura representando uma casa em fogo, da qual eram carregados homens desmaiados. Aquella gravura excitára a phantasia do idiota e insligára o á sua acção, accrescentando-o ainda a fala dos camponios acerca dum incendio e os ralhos de Raschdorf ao idiota.

Assim se dera o facto, e Schreger soubera ainda na mesma noite a terrivel verdade. Quando Gustavo correu do incendio para casa, elle o seguiu. O rapaz se acocorou chorando ao pé da escada do pateo. Levou-o comsigo ao quarto e interrogou-o. E então o infeliz mancebo atirou-se aos pés gritando e confessou-lhe que puzera fogo ao paiol.

A principio Schreger não acreditou. Mas depois passou-lhe revista aos bolsos, achando a gravura e uma caixa de phosphoros. Aterrado fez algumas perguntas e conheceu com toda certeza a terrivel verdade, a saber, que seu filho era o incendiario.

E comtudo nada mais o commovia do que o [illegible] receio de que tudo se descobrisse. Todos os seus esforços dirigiam-se desde então ao objectivo de occultar o facto e até seu grande desejo de apoderar-se da herdade das Faias, ficava em segundo plano.

Aproximou-se do leito onde dormia o rapaz. Até no somno era aquelle rosto feio e descomposto. O mancebo respirava penosamente, e seus cabellos espetados e sem graça estavam humidos de suor. De certo via ainda em sonho o terrivel caçador de quem receiava.

A cabeça de Schreger cahiu sobre o peito. Era uma daquellas penosas horas da noite em que o homem faz as contas com a consciencia e aterra-se perante a culpa e a sentença.

Si Gustavo falasse.

Nada podiam fazer no tribunal contra o rapaz, não era responsavel. Mas internal-o-iam num estabelecimento, impossibilitando-o de causar mais damnos para o futuro.

E era o que temia Schreger; revoltava-se contra isso com toda a alma. Amava seus dois filhos, idolatrava-os, como acontece muitas vezes a avarentos que jámais têm em sua alma uma centelha de ideal, mas apegam-se aos filhos com um amor desordenado, desconhecido da gente de bem. E' mais um traço que o avaro tem de commum com o bruto. E accrescia ainda uma cousa: o perigo do rapaz manifestar o conhecimento que Schreger tivera.

E seu juramento! Seu juramento! O que seria?

Certamente podia em ultimo caso contradizer tudo. O testemunho do rapaz era de nenhum valor nos tribunaes. Podia dizer que nada soubera, Mas os aldeães? Acabando a confiança, o seu negocio estava perdido... inteiramedte perdido. Era coisa que nunca devia acontecer.

E seu projecto antigo: de conseguir a herdade das Faias! Era bom que o Raschdorf succumbisse. Que lhe importava o Raschdorf? Afinal de contas elle mesmo é que se arruinára.

A lamparina apagou-se. Schreger assustou-se. No escuro elle também teria medo. Reflectiu como poderia arranjar luz. Sem luz [illegible] não o conseguiria. E portanto assentou-se numa cadeira de braços.

A [illegible] queria evitar [illegible] olhar para a la-

ouvir. O clarão do luar entrava como um espectro e lá de baixo erguia-se forte, semelhante a um deus gigantesco que se erguesse do cemiterio para ameaçal-o.

Olhar para a janella... nunca! Por um pouco ficou Schreger a scismar. Depois seus labios se agitaram, proferiram palavras sem que o pudesse evitar:

—Juro, perante Deus Todo-Poderoso e Omnisciente, dizer a pura verdade sem nada occultar...

Um gemido e Schreger poz-se de pé sobresaltado. Que lembrança! Porque repetia aquillo... justamente aquillo!

Fechou os olhos e apertou a cabeça contra os azulejos da estufa: estavam frios.

Frios! Quando o fogo ou a vida se apaga sobrevem o frio.

«...sem nada occultar nem accrescentar...»

Schreger cobrou animo e, como todos aquelles a quem fere o infortunio, tentou o combate com a furia horrivel que se chama o remorso; o inutil e louco combate, que, prolongado, nenhum mortal atura, si não vem a forte e santa mão da graça arrancando forte e suavemente as garras de ferro dos hombros ensanguentados.

—Mas que fiz eu afinal? Que disse eu? Só contei o que sabia. Só isso!

—«...sem nada occultar...»

Schreger olhou receioso para a cama.

Uma coisa elle occultára; o que teria dado soluçãa a tudo.

—Sabe quem foi o incendiario?

—Não, sr.

E a sombria adversaria de olhos fundos empurrou outra vez o solitario para a sua poltrona. Alli premeu o rosto contra o espaldar.

Quando se recobrou e encorajou um pouco, viu mais uma arma.

—Ninguem é obrigado a depor contra si mesmo, contra o seu proprio sangue. E o que diz pela bocca do tabellião, diz a religião e o que quer.

Resolução. Essa seria a solução, é verdade!

O desgraçado estava na posição de querer resistir-se [illegible]

—O tribunal julga o reu capaz desse crime?

Semelhante a uma corrente de lava ardente invadiu essa pergunta a alma do solitario e a pergunta e a resposta ferviam que elle déra:

—Não sei com certeza. Deve ter sido elle.

Devagar aproximou-se o demonio e curvou-se sobre o ouvido de Schreger. A janella estalou e rangeu um pouco. Foi como um riso tenue e máu. E parecia que a terrivel voz continuava:

—E sabes o que fizeste mais? Reclamaste o dinheiro para quebral-o; foste ao moleiro afim de levantal-o contra elle, e teu amigo tomou a espingarda e sahiu. E Deus perguntou: «De onde vens? Eu não te chamei!» E a sua pergunta era como a voz do trovão. E teu amigo acenou para baixo com a branca mão, acenou para ti e disse: «Aquelle é que me impelliu no caminho para Vós; foi aquelle!»

—Gustovo, acórda! Acórda, Gustavo! Não posso ficar só!

O rapaz ergueu-se assustado.

E Julio Schreger-se delle, do idiota que choramingava sonolento e breve tornou o adormecer.

Pouco depois passou um vehiculo na estrada. Schreger correu á janella. Como uma redempção saudou as lanternas do carro. Alli ia gente... sempre ia gente.

Mas logo depois viu vir mais uma luz lentamente por cima dos campos, uma luz só que o aterrorizou. Olhava-a como que magnetizado; não podia sair da janella como si aquella luz o obrigar-se a estar ali.

Esfregou os olhos, queria o encanto. Não o conseguia. A luz approximava-se, approximava-se mais, bem em direitura á casa. E não vinha pela estrada, não, vinha pelos campos, uma luz branca, pallida, vacillante.

Fóra passava o vento, e a lua se escondera atraz duma nuvem negra. Estava quase inteiramente escuro.

A luz já estava ali.

Era como uma lanterna e comtudo não tinha a forma commum das lanternas.

Agora... já podia ver! Um vulto negro trazia a lanterna e seguia-o um vulto brando. Schreger viu claramente ao reflexo da luz.

E os vultos desappareceram ligeiros com a luz na herdade das Faias.

Schreger voltou-se com o rosto contrahido.

Imaginára que era a morte levando Raschdorf á sua casa.

Nunca fôra medroso. Mas desde que tinha um debaixo da terra, um a quem tirava a espiração, vinha o medo horrivel... o medo desvairado e supersticioso.

Fasia escuro, um escuro medonho, e o rapaz gemia tão penosamente!

Um auxilio! um auxilio!

Foi tacteando pelas paredes abriu a porta e, devagar como ladrão, desceu a escada para o salão da tasca.

Ali respirou. Sentiu-se um pouquinho melhor. Cautelosamente fechou as portas das janellas e accendeu o lampião.

Luz! Luz é já por si um beneficio.

E não obstante, ali tambem reinava a solidão e sentia-se o medo.

Então procurou o auxilio.

Pela primeira vez bebeu aguardante, muita aguardente. Sentiu-se assim com mais coragem. Afinal encheu uma garrafa, apagou a luz, voltou tenteando até seu quarto de dormir, para não deixar o rapaz só, assentou-se na poltrona e bebeu... bebeu bastante na garrafa.

* * *

O dia seguinte era um luminoso dia de Reis, apesar da estação invernosa.

Schreher levantou-se fatigado e abatido da cadeira, onde jazera algumas horas no somno inconsciente da borracheira. Passava de oito horas.

Acordou o filho e de novo lhe recommendou instantaneamente o silencio. Em seguida prometeu-lhe trazer mais uma cama para o quarto e Gustavo poderia dormir sempre ao pé delle. Mas que não contasse!

Na casa agitavam-se os criados. Isso veiu bem ao Schreger. Tambem a luz socegava-o. Mais, porem, lhe serviu uma

idéa que tivera e para ir a procurar a sra. Raschdorf e retirar a sua reclamação.

Precisava dormir uma hora que readquirir o socego, ao menos o riso de renuncia á herdade das Faias. Simão recelava endoidecer, endoidecer de medo.

Ainda antes do almoço foi, portanto, á herdade. A porta encontrou Magdalena Raschdorf.

A linda criança olhou-o duramente.

—Lena, sua mãe já se levantou?

A menina abanou a cabeça com ar sombrio.

—Queria conversar com sua mãe.

—Está doente!—disse Lena e voltou-lhe as costas.

—E' outro pae, — pensou Schreger. Mas esforçou-se por se amavel.

—Lena, sua mãe peiorou?

A menina acenou affirmativamente e pondo as mãos no rosto correu para dentro.

Veio uma criada e esclareceu Schreger. A senhora tivera á noite uma hemoptyse. Um carro fôra buscar o medico e uma irmã de caridade, e o Parocho viéra tambem com o velho cantor á noite.

—Com uma lanterna?— indagou Schreger afflicto.

—Sim, com uma lanterna da egreja.

O medico descia a escada.

—Que deseja?—perguntou a Schreger.

—Eu . . . reclamei dinheiro da sra. Raschdorf e venho retirar a reclamação.

—Chegou muito tarde, meu amigo. A sra. Raschdorf acaba de expirar.

Um grito dilacerante soou em cima. Era a Lena que tambem só agora sabia . . . E Schreger foi cambaleando para casa . . .

Mathias Berger, que estava no quarto da defunta, fechou em seus braços a Lena e o menino que tremia e ria, com lagrimas e com olhos assustados e muito abertos, o feio riso de sua mãe.

—Os máus vão-se embora, são muito máus. E eu não vou ficar comsigo.

A criança tinha a razão. Os máus iam-se embora, levando a idéa.

E novo boato de morte correu pela aldeia, e a gente emmudecia. Passada a primeira sensação, o terror apoderou-se do povo.

Tanto infortunio numa casa despertava medo em toda a parte. Temia-se como si ali houvesse um castigo do céo por faltas que o povo não conhecia bem.

Mas surgia a compaixão nos corações mais brandos pelos dois orphansinhos; esta compaixão podia conseguir a victoria no combate pelo lar. Por meio da compaixão teria podido Henrique Raschdorf conseguir dos membros da sociedade aquelle terreno do coração pelo qual havia de combater largos annos tão amargamente. Era um momento favoravel como nunca mais voltaria.

Algumas manifestações de sympathia vieram da aldeia. Offereceram carros e outros serviços e doze homens se offereceram espontaneamente para carregarem o corpo. O camponez, que poucos dias antes se desculpára com a influenza, tinha reunido os doze homens. Tivera remorsos de certo. Mandou um criado perguntar si precizavam gente para carregar o caixão.

Cheio de alegria Mathias levou a noticia ao seu pupillo Henrique, da cosinha para a sala.

—O povo está creando juizo, Henrique. Vê? Elles não são máus; apenas não podiam entender-se com seu pae. E' muito bom, Henrique, dar-se com o povo, porque, sinão, sentir-se-á no extrangeiro ainda quando esteja em sua casa. Acredite.

—Não se davam com meu pae, disse o rapaz sombrio. E porque?

Mathias Berger não achou logo uma resposta acertada. Uma vermelhidão selvagem e apaixonada cobrio o rosto serio do menino.

—Porque são tolos, porque são máus! Mathias, eu ouvi, eu ouvi o que elles diziam de meu pae, lá na cidade. Todos riam-se com o patife do barbeiro. Quando eu for bem alto saber castigar os pais, quando eu for bem alto . . . Mas homens contra um menino! Mathias, elles não levam o caixão de minha mãe. Não consinto!

As maneiras senhoris e orgulhosas de Raschdorf transpareciam no menino. Mathias continuou socegado e bondoso.

—Henrique, elles mesmos se offerecem. E' costume na aldeia. Si recusarmos é uma offensa enorme.

—E elles? Elles não offenderam a meu pae? Eu pedi por compaixão, Mathias; que acreditassem, e não se mexeram. Não consinto, Mathias, não consito, Mathias, não consinto, Mathias!

—Escute, Henrique! Olhe, o paiol será reedificado, o estabulo tambem. Não é difficil. Havemos de reerguer a herdade. Tambem não é difficil. Tudo isto faz-se com um pouco de dinheiro e de trabalho. Mas o povo, Henrique, o povo! Tambem elle tem que aprender a ser bom para nós. Este é o ponto principal, Henrique! E' mais importante do que reerguer a herdade. Olhe, eu d'antes num passava d'um pobre diabo. Mal tinha uma roupa melhor para o domingo. Mas ao menos estava em casa, tinha um lar. E' porque o povo era bom para mim. Seu pae, Henrique, não tinha um lar assim.

—Tambem você quer falar de meu pae, Mathias?

—Mas não chore, Henrique. Só lhe falo porque já é homem, e homem prudente. Olhe, eu digo que era esta a infelicidade de seu pae, não se dar com o povo da aldeia. Não digo que fosse culpado. Só digo que era uma infelicidade. Porque comprehende, não podia estar sempre só, nem ir sempre á cidade, e então desgostava-se e ia ao Schreger, e isto foi a sua perdição.

O menino chorava baixinho. Berger passou-lhe o braço ao pescoço.

—Henrique, você tem tanto apego á sua casa! E' necessario, Henrique, fermos bons amigos na aldeia. Eu sou muito ignorante; não sei descrever o que penso. Mas uma coisa sei eu: precisamos do povo ainda quando não precisamos delle. Temos que conquistar-nos!

—Então, diga-lhes que re-

vez a cousa você tem mais experiencia, deve saber mais.

Nesse momento ouviu-se a voz de Magdalena Raschdorf entrar apodada.

O riso energico da menina pelara rubro e seus olhos escuros vinham cheios de lagrimas. A voz tremeu-lhe ao dizer:

—Mamãe, ella diz... ella disse para Martha... que o senhor... que o senhor... beijou á mamãe!

—Lena! Que é isso? Quem é que diz! — exclamou Berger.

—Quem é que diz isso, quem? —gaguejou Henrique.

—A... criada da herdade do Herschke, que está ahi... ella disse para Martha... e eu... eu ouvi! Como doido correu Mathias do quarto para a cosinha. Uma jovem criada taramelava com outra.

—Mulher! Miseravel! Que é que você disse? E á menina? A pobre menina?

A criada empallideceu e refugiou-se n'um canto.

—Que é? Que é? Jesus! Quer me bater!

—Que disse você de mim e da defunta sra. Raschdorf... mulher!

Berger que a seguira chegava-se ameaçador e arquejante.

—Eu não disse nada... eu... Jesus!

Uma terrivel bofetada estalou-lhe na face.

—Confesse, mulher, ou sinão...

—Meu Deus! Meu Deus! Deixe-me!

—O que foi que você disse, quero saber!

E de novo erguia o punho ameaçador.

—Eu não fiz mais do que repetir, o patrão diz, a patrôa, a aldeia toda. Eu não tenho culpa...!

—A aldeia toda? Saia d'aqui! E diga a seu patrão que si um delles apparece na herdade das Faias, solto-lhe os cães.

—Eu mato-a! Arrebento-a! —gritava Henrique furioso agarrando a criada. Berger afastou-o.

—Deixe-a! Deixe-a tu, Henrique!

—Que a deixe, Mathias! que a deixe! Eu mato-a!

Henrique esperneava contra Mathias que o segurava, emquanto a criada saia correndo e gritando.

Depois de muito tempo, emfim ao socegarem disse Berger:

—Pois, mal feito, Henrique. Aquella tola só repete o que ouve falar. Mas, Henrique eu fui um grande burro. Você tem razão; elles não devem levar o caixão. São muito malvados.

O menino voltou-lhe as costas amuado e tremia em horrivel seismar. Berger olhou para elle e advinhou o que se passava naquella alma. Si alli se introduzisse a duvida, aquella jovem vida ficaria envenenada. Então disse elle com doçura.

—Henrique, venha commigo aonde está sua mãe.

N'uma saleta estava o esquife. Sobre alvos travesseiros estava tão socegada a senhora e parecia transfigurada. Soluçando fortemente ajoelhou Henrique junto ao corpo. Mathias Berger permaneceu alli com as mãos postas, por muito tempo... em muda contemplação, e uma solemne tranquillidade desceu sobre elle. Era uma grande felicidade poder elle estar alli tão tranquillo.

—Henrique — disse elle em voz baixa.—Eu amei muito sua mãe; mas esta é a primeira vez que a beijo.

E curvou-se sobre o esquife, e beijou a fonte pallida do cadaver que sorria.

Em seguida pegou na mão do menino e conduziu-o para fóra. E Henrique abraçou-se estreitamente com elle.

VIII

Nova vida reinava na herdade das Faias. Lá embaixo na aldeia jazia inutil no pequeno telheiro o carrinho do trapeiro, e Plutão, o cão de São Bernardo, deitava-se preguiçosamente no pateo das Faias e soffria com indolente e tediosa sobranceria os brinquedos de Fidalgo, o cãosinho rasteiro.

Mathias Berger não sahia mais á gandaia, fizera-se administrador da herdade das Faias.

Os camponezes da aldeia riam-se. Um trapeiro feito lavrador importante, era para rir realmente. Para a lavoura é preciso entender, e, ainda mais, é preciso dinheiro. E Berger carecia de ambas as coisas. Para menos não se vendia bem! Ah... ah! E quando o dinheiro, tendo conversado

O barbeiro fez uma «poesia»; diz-a assim:

O dono das Faias tem um fortunão:
Ao todo seis ceitis,
Um carro de trapeiro
E um grande cão!

Estes versos foram muito applaudidos na aldeia, e até os meninos os sabiam de cór. Um cultor da melodia inventou tambem uma toada adequada, de modo que a «poesia» era cantada e assobiada.

O poeta ganhou popularidade e todos o finham em conta de homem engraçado, e mais esclarecido que os outros.

Mathias Berger ouviu falar nos versos e resolveu dar, numa verdadeira poesia, que o redactor da pequena folha usual não duvidaria publicar, uma boa resposta bem publica ao barbeiro e aos aldeães.

Mathias era poeta nas horas vagas. E' certo que quasi sempre se limitava a poesias de occasião, como para enterro, felicitações, etc.; mas algumas haviam sahido publicadas em jornaes e assim esperava Mathias que tambem esta vez seria acceito com um poema energico de resposta.

Então achou no portão da herdade, escriptas a giz, as palavras: «O barbeiro é um burro!» O João confessou com um sorriso de satisfação, ser o autor d'essa sentença, e assegurou com imponencia que eternizára a mesma phrase quasi por todas as cercas e portões da aldeia.

Por isso, recebeu do Mathias Berger uma inesperada, mas bem expressiva bofetada: e este, por outro lado, tirou do caso a sabia conclusão de que não é bom deixar-se ir a uma a polemica literaria, com barganes.

Por iniciativa do velho cantor, Mathias Berger fôra nomeado tutor legal dos dois meninos, Henrique e Magdalena Raschdorf.

Não deixou de haver alvoroço na aldeia quando se soube que Berger comprava a propriedade para Henrique Raschdorf e o menino se entendia com a

mitê a esse respeito. A propriedade fôra avaliada e não muito acima das dividas, que Henrique acceitou. A menina recebeu uma pequena somma que foi bem collocada a juros.

—Si as coisas correrem bem, Lena,—disse Mathias—você recebe espontaneamente tanto quanto lhe pudermos dar. Por ora, não devemos sobrecarregar mais a herdade, sob pena de não a podermos conservar.

A menina não entendia nada d'aquillo; estava contente por poder ficar na que fôra propriedade paterna...

A um bando de rapazes que lhe repetia o estribilho dos seis ceitis, gritára furioso, mas tambem triumphantemente, que Mathias Berger tinha mais dinheiro que toda a «corja de miseraveis»; que «passára a manta» na aldeia toda pois possuia 40 ou até 100.000 tallers, e sem ninguem saber. E como os rapazes rissem, perguntou-lhes arrogantemente como era que com tal «promptidão e facilidade» se pagavam as dividas ao Schreger e ao moleiro, si o Mathias não désse o dinheiro. Porque ninguem mais emprestava.

Este debate no meio da estrada teve tres consequencias:

1ª—Mathias Berger teve que pagar impostos de rendas e municipaes;

2ª — produziu-se na aldeia uma sensação nova, e talvez a mais forte que se podia imaginar;

3ª—o João apanhou.

A ultima consequencia realizou-se numa tarde sombria e melancolica de Março, no quarto do capataz. O pae agia em silencio, o filho não. Passada a catastrophe, o João sahiu, cravou os olhos na turva claridade e apoiou as costas na frescura dum muro. Nisso passou a Lena pelo pateo, olhou-o com desprezo e pronunciou uma unica palavra:

—Tagarella!

E ainda se [illegible] causa [illegible] Era o amor que um [illegible] ella lhe offerecera.

O [illegible] não [illegible] mudo. [illegible] por [illegible] causa [illegible] Fez o [illegible] mais [illegible]

com o pae, nem com Mathias, nem com a Lena; e depois arrastou-se para a cama e adormeceu com o coração tão dolorido como as costas.

Na aldeia, porém, após tres dias, contava-se uma historia romantica. Em certo logar—logar que ninguem precisava—vivia uma velha muito avarenta, que levára a vida a poupar e tinha costurado num corpinho velho de lã uma grande quantidade de notas. Ninguem sabia do precioso enchimento do velho corpinho que a velha não despia nunca; os proprios filhos nada sabiam. Um bello dia, a mulher morrera de repente. O corpinho juntamente com outros objectos sem valor foram vendidos a um trapeiro, e o resto sabia-se.

Mathias Berger ainda ignorava essa historia. Sabia que a sympathia, que antes gozava na aldeia, desapparecera desde o dia em que tomára a peito os negocios dos Raschdorfs. Tinha-se opposto á opinião publica e devia sentir as consequencias. Nem suspeitava que era accusado duma grande injustiça; pelo contrario, gozava com a idéa de que o povo estava quebrando a cabeça para saber onde arranjára tanto dinheiro.

Entretanto, tambem não tinha tempo de importar-se com as tagarellices da aldeia. Tinha sobre os hombros a gigantesca empreza de reerguer a arruinada herdade das Faias. E a sua força crescia em proporção á tarefa. Era a primeira vez na vida que se via diante de tão difficeis problemas, e isto incitava-o.

No começo da primavera principiou a edificação do que fôra queimado. Mathias encontrára um bom e consciencioso mestre de obras que fez um serviço solido, rapido e barato.

Berger estava em actividade desde cedo até tarde da noite. Ora ia á cidade a negocios, ora estava na roça, ora ficava scismando e fazendo contas no quarto, e depois voltava ao meio dos serventes e mexia a cal, ou carregava tijolos.

Levantou-se uma estribaria provisoria, os cavallos necessarios para a roça foram comprados, os instrumentos de lavoura foram completados, e o serviço da plantação já podia recomeçar. E Reichel, o gigante, trabalhava por tres. Sua dedicação naquelles dias difficeis foi tocante. Chegou a offerecer ao Mathias as suas economias, que subiam a umas centenas de marcos.

—Reichel! — disse Berger — por óra não me faz falta o seu dinheiro. Talvez mais tarde! Então hei de dar-lhe a bomba, prometto solemnemente! Por ora só preciso de você mesmo. Mas muito, Reichel!

O gigante enrubesceu com o louvor que essas palavras encerravam e trabalhava como se quizesse arrazar o mundo. Dir-se-ia que mudára a sua indole, pois fazia tudo numa grande pressa, andando e trabalhando e nem pensava mais no socego majestoso que tão proprio lhe era d'antes.

Tambem os meninos auxiliavam animadamente, conforme as forças, e o João portou-se irreprehensivelmente naquelles dias, pois de dia não tinha um minuto de tempo, e á noite estava estrompado.

Nessa grande actividade só faltava o Henrique. Estava outra vez no gymnasio. Umas poucas de vezes escreveu cartas insistentes, querendo voltar para casa, querendo ajudar. Mas Berger, seu tutor, não consentiu. Mal lhe respondeu. Uma vez apenas escreveu-lhe num bilhete postal:

«Querido Henrique, applique-se tanto na escola como nós nos applicamos todos aqui, e tudo correrá ás mil maravilhas.»

Assim, succedêu que Henrique, apezar das violentas commoções que haviam impedido os seus estudos, pela Paschoa levou para casa o attestado de exames com promoção, como terceiro da classe.

Ninguem foi buscar o rapaz á estação. Não havia um cavallo a mais para o carro. Mas, além parou um carro da sua aldeia. Um camponez ia buscar alguem. Henrique ficou ali com sua mala pesada, esperando sempre que o camponio o convidasse a entrar no carro. Mas este não disse palavra e elle [illegible] de pedir.

(CONTINUA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
BIBLIOTECA
CAMPUS V - JOÃO PESSOA - PARAÍBA

A CREANÇA

A creança aprende com a mesma facilidade a observar e a combinar. Não tendo ainda despertado nella a curiosidade, pertence aos phenomenos do mundo que a rodeia: todos os seus sentidos estão acordados, todos os objectos que o seu olhar ou a sua mão encontram, a atraem, a prendem, a encantam. A sua faculdade de attenção gasta-se depressa mas renova-se sem cessar.

Outra vez, é a palavra expressiva que repete incessantemente áquelles que lhe dão uma explicação ou lhe contam uma historia. Possue recursos de confiança cega ou desconfiança ingenua. Manejando-lhe com habilidade, ou para melhor dizer, como bondade, as molas delicadas de intelligencia, que lhe dispõe a attenção, domina a pergunta, e, de pergunta em pergunta, sonsegue penetrar, na medida das suas forças, o fundo das cousas.

A este gosto de observação, a creança junta a necessidade innata da actividade. Não basta que lhe mostrem os objectos; é preciso que ella lhes toque, que os maneje, que os torne seus.

Vejamol-a nos seus jogos.

«Os jogos das creanças, diz Montaigne com profunda observação, não são jogos e devemos consideral-os como seus actos mais serios».

Se for preciso, quebrarão até o objecto que os diverte para lhe conhecer o segredo. A creança não destroe, aliás, não para tornar reconstruir. Aprende em construir e as suas construcções são ás vezes maravilhosas de recolhido e de graça: é naturalmente geometra e artista.

Possue, acima de tudo, uma inesgotavel fecundidade de invenção; faz, desfaz, refaz: é um creador.

Finalmente o ultimo traço que a caracteriza é que não gosta de sentir-se como perdida na multidão. Tem um sentimento vivo da sua personalidade; quer ter o seu logar proprio, a sua occupação propria, o seu ensinamento proprio.

Recurso admiravel para quem souber fazer nascer d'esse sentimento a idéa instinctiva de responsabilidade moral e a primeira noção de distincção do bem e do mal.

Aguas mineraes

Plinio affirma que, em seu tempo, enviavam-se os doentes ás aguas para que nellas se lavassem e dellas bebessem; elle observava que era costume beber na primavera e no outono «aguas sulphurosas, aluminosas ou nitrosas»; e accrescentava que um velho auctor recommendava aos que soffriam de areias na urina tomar essas aguas mineraes por precaução.

Seu uso remonta, pois, á mais alta antiguidade e as ruinas, os vestigios de thermas, attestam que os romanos conheciam algumas das fontes francezas mais afamadas.

Este uso perdeu-se em grande parte com a civilisação romana.

No entanto, n'esse longo periodo da Idade Media encontramos factos em que se fazem peregrinações para certas aguas que se consideravam milagrosas.

As aguas thermaes foram, mais tarde, aconselhadas para especificos diversos.

Uma resposta opportuna

EM UM HOTEL DE LONDRES VARIAS JOVENS CONVERSAVAM SOBRE OS GALANTEADORES DEMASIADO ATREVIDOS, QUE ABUNDAM NESTE TEMPO, EM QUE A MULHER GOSA DE MAIORES LIBERDADES.

CADA UMA DAVA SUA OPINIÃO. ESTA CONTOU O SEGUINTE CASO, PASSADO COM ELLA: TENDO ASSISTIDO A UM ALMOÇO CAMPESTRE, ME TOCOU POR COMPANHEIRO DE MESA UM JOVEM AUDAZ, QUE, SEM DUVIDA, VIU EM MIM ENCANTOS MUITO MAIORES QUE OS QUE NA REALIDADE TENHO; FOMOS DAR UMA VOLTA PELA PROPRIEDADE, QUANDO O GALÃ, SUAVEMENTE, DÉU-ME UM FORTE ABRAÇO.

EU ME DETIVE, EMPURREI-O SUAVEMENNE E DISSE:

—NÃO LHE PARECE REALMENTE CURIOSO, QUE NÓS DOIS TENHAMOS INCORRIDO AO MESMO TEMPO EM UM ERRO GRAVE E INDESCULPAVEL?

O AUDAZ, PERPLEXO E UM POUCO ENVERGONHADO, ME ROGOU QUE LHE EXPLICASSE EM QUE CONSISTIA ESSE DUPLO ERRO.

EU LHE DISSE ENTÃO: —COM EFFEITO, O SENHOR PENSOU QUE EU NÃO ERA UMA DAMA E SOU; EMQUANTO QUE EU PENSEI QUE O SENHOR ERA UM CAVALHEIRO, E VEJO QUE ME ENGANEI.

O INDIVIDUO PEDIU-ME MIL DESCULPAS E RETIROU-SE.

JÁ VÊEM, MINHAS QUERIDAS AMIGAS, QUE PODEMOS FAZER-NOS RESPEITAR, DIZENDO SÓMENTE UMA FRASE OPPORTUNA.

NOVIDADES CINEMATOGRAPHICAS

O PUBLICO NORTE-AMERICANO ESQUECEU-SE DE BILLY ANDERSON ASSIM COMO DE WILLIAM S. HART E TOM MIX.

A JUVENTUDE SONHA AGORA COM FRED THOMPSON E KEN MAYNARD.

ACTUALMENTE FALTAM ARTISTAS DO GENERO DE WILLIAM HART, MAS A «MIS-EN-SCÉNE» TORNOU-SE CADA VEZ MAIOR.

UM EXEMPLO DISTO ACABA DE NOS DAR A PARAMOUNT COM UMA OBRA DO MENCIONADO CARACTER: «JESSE JAMES», POR FRED THOMPSON. O DRAMA SE PASSA EM TORNO DA VIDA DE UM BANDIDO DE NOMEADA.

Arte culinaria

Bacalhão á Portugeza

Depois de [illegible] em pedaços [illegible] bacalhão [illegible] fritando-se [illegible] assim-se [illegible] tudo. Tem-se já preparado [illegible] cebollas e pimentões com [illegible] caçarola [illegible] um [illegible] bacalhão [illegible] fritas no azeite, uma de batatas cosidas e cortadas em rodellas, uma do refogado, uma de ovos cosidos, cortados em rodellas e azeitonas, nessa ordem de camadas enche-se a caçarola, devendo a ultima ser de bacalhão.

Põe-se então a caçarola no forno quente e quando o bacalhão da ultima camada estiver cosido, tira-se do forno.

Traz-se para a mesa na mesma caçarola, pondo-se em volta desta um guardanapo. Quando a caçarola fôr de aluminio não é necessario o guardanapo.

Gallinha á espanhola

Depois da gallinha bem limpa, corta-se pelas juntas e põe-se sal. Toma-se um kilo de tomates grandes lava-se a pelle e corta-se em rodellas, tiram-se as sementes e a pelle de uma duzia de pimentões grandes e cortam-se em pedaços, cortam-se seis cebolas e um litro de batatas em rodas finas. Numa caçarola põe-se uma colher de manteiga, uma camada de tomates, uma de cebollas, uma de gallinha, uma de pimentões, uma de batatas e uma de manteiga derretida; sobre a manteiga cebollas, tomates etc, assim na mesma ordem até acabar todos os preparados indicados.

Limpa-se bem a caçarola, leva-se ao fogo; logo que ferva põe-se para o lado e deixa-se acabar de cosinhar em fogo brando, conservando sempre a panella bem tampada.

Salada de Alface

Tiram-se as folhas mais novas e bonitas de um pé de alface; lavam-se muito bem e deixam-se escorrer. Arruma-se a alface á roda da saladeira, primeiro as folhas mais largas e maiores, depois as menores e no meio o miolo, de modo a ter apparencia de um pé de alface inteiro. Rega-se com molho de azeite, vinagre, sal e pimenta.

Come e cala

Parte-se um pão de lot em rodellas e, entre uma e outra, põem-se camadas de geléa de doce de amendoas, passas, cidrão, ameixas, queijo ralado e creme de chocolate. Cobre-se o pão de lot com massas de suspiro e manda-se ao forno brando.

Massa de ovos

Derretem-se em uma caçarola, a fogo forte quatrocentos e sessenta grammas de assucar em pedra em crystallizado, e faz-se chegar ao ponto de fio.

Tira-se então a caçarola do fogo e deitam-se na calda, vinte e quatro gemmas de ovos bem limpas de claras e ligam-se bem ao assucar, mexendo com uma colher de pau. Em seguida, cobre-se o fogo com cinza, para moderar um pouco e colloca-se a caçarola em cima, depois, vae-se mexendo sempre com a colher, até ficar uma massa bem enxuta; estando assim, tira-se a massa para um prato e deixa-se esfriar.

Pudim parahybano

Mexem-se 50 grammas de manteiga, 5 gemas e 200 grammas de assucar. Depois de bem batida mistura-se com 200 grammas de côco ralado e leva-se ao forno em fórma untada.

Por que a

Pharmacia Hygino Rolim

não faz reclame?

Porque ahi se encarregam seus numerosos freguezes, conhecedores de escrupulo, seriedade e absoluto cuidado na manipulação e modicidade de preços, porque essa pharmacia conserva esse bom nome 52 annos, não precisa de reclame.

O RIO DO PEIXE

Semanario Catholico, de propriedade diocesana

Assignatura annual . . . . . 15$000

COM O FIM DE PROPAGAR AS BOAS LEITURAS, A ADMINISTRAÇÃO DESSE JORNAL VEM MANTENDO UMA SECÇÃO DE LIVROS ESCOLARES, LEITURAS MORAES E MANUAES DE PIEDADE.

Encontram-se entre outros:

ADORENTE (simples, dourados ou encadernação em couro)
CRUCIFIXO (simples e dourado)
O DEVOTO DE S. JOSÉ
MEZ DE MARIA, DO CORAÇÃO DE JESUS
NOVENAS DO PERPETUO SOCCORRO, DE S. THEREZINHA

Romances moraes:

Fogo mal extincto — Henry Aruel
Herdeiro do Castello — F. B. R.
Esposos martyres — Montmriel
A madrasta christã — Monnlet
A Caridade conduz a Deus — Archir
E outros

TINTA AQUARELLA, LAPIS, PENNA, PAPEL, CADERNOS ESCOLARES, PENEIRA, PAPEL DE SEDA, POSTAES, ETC. NO VELHO RIO DO PEIXE.

A administração encarrega-se de pedido de qualquer encommenda para as casas editoras catholicas do Paiz, bem como de assignatura de qualquer jornal ou revista catholica

FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DA

ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA

ANNO I

NUM 10

CAJAZEIRAS

PARAHYBA

D. QUINTINO RODRIGUES DE OLIVEIRA E SILVA

Preclaro Bispo do Crato

AGOSTO DE 1927

OFFICINA SÃO JOSÉ DO PATROCINIO

FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Da Acção Social Catholica Feminina. ❋❋❋ Officinas graphicas d'«O Rio do Peixe».

ANNO I — Cajaseiras—Parahyba, Setembro de 1927 — NUM. 10

A QUE ESTA' NO LIMIAR DE ❋ NOSSA HISTORIA ❋

M.E. Amanhã! Para nós, filhas de Cajaseiras, em cujo numero algumas se contam de sua descendencia, este nome é um symbolo, o da mulher forte—na expressão feliz dos livros sagrados.

Ella foi a que «procurou a lã e trabalhou com mão habilidosa»; a amiga do silencio, da obscuridade; a que trouxe a riqueza para esta terra, com o filho magnanimo; a que, de bem cedo, se entregou ao trabalho; a que acompanhou os famulos á labuta diaria; a que tinha a força como um cinto; a que abriu a mão ao indigente; a que teve a clemencia nos labios.

No lapidario de nossa gratidão, não ha palavras para dizer quanto nos é cara sua memoria.

Nos cantões de nossa alma nenhuma existe que traduza ao vivo a suave doçura que de seu vulto se evola.

Ella é a mãe de Cajaseiras, della nasceu o padre Rolim,—o que vive para nós—ella é pois, o anjo tutelar de nossos lares que ella nos ensinou a formar, e de que é a egide, se se quizer antecipar o juizo da Igreja.

Ella, a alma de suas filhas, neste mez em que se commemora mais um anniversario da morte de seu grande filho [illegible] julga.

PHOTOGRAPHIA "MODELO"

J. Magalhães.

PROPRIETARIO DESSA PHOTOGRAPHIA TEM O PRAZER DE OFFERECER AO DISTINCTO PUBLICO DESTA CIDADE, OS SEUS SERVIÇOS PHOTOGRAPHICOS, GARANTINDO QUE EXECUTARÁ QUALQUER TRABALHO QUE LHE FOR CONFIADO, COM PRESTEZA, CUIDADO E ASSEIO, PARA O QUE DISPÕE DE LONGA PRATICA.

TRABALHOS NITIDOS, EXPRESSIVOS E INALTERAVEIS POR PROCESSOS MODERNISSIMOS.

PRODUZ COLORIDOS E AMPLIAÇÕES EM TODOS OS TAMANHOS.

PREÇOS CONVIDATIVOS.

O que este n. contem

TEXTO:

Flor de Liz. n. 8

Há vantagens para uma moça instruirse?—Regina E. Real.

Meninas futeis (poesia)—Assis Garrido.

O novo Nuncio Apostolico.

Maria ao Céo—† Moysés, bispo de Cajazeiras.

A oração (poesia)—Emiliano Perneta.

Christiano Cartaxo.

Os sete milagres de S. Luiz—Pe. Dgos. Enshoff O. S. B.

Luiz Guimarães Junior.

As religiosas Doralhéas em Cajaseiras—Sinhasinha Ramalho.

O crochet de côr.

Notas elegantes.

Talentos espontaneos—H. L.

Seguro de sorriso.

A moda.

A escola e a Moda—Rosa David.

Em torno de uma carta—Bida.

O lar (romance)—Paulo Keller.

Feminista pratico.

Um pianista brasileiro premiado.

Quantos padres há?

A legião de honra para moças (uma religiosa franceza).

Arte culinaria.

O que vendo eu.

ILLUSTRAÇÕES:

Flores e rosas.

MENINAS FUTEIS

Meninas futeis,
Vejo-as aos centos pela praça...
Hão de ser más esposas, mães inuteis
Essas meninas futeis
Que andam mostrando juventude e graça
Da vida com certeza...
Não têm a mais rudimentar noção:
Pensam que a vida é apenas a belleza
Do rosto, e a perfeição
Voluptuosa e atrevida
Do corpo... Pensam... Que fatal surpresa,
Ai, que desillusão,
Não lhes reserva a vida!...
Quando morrer de toda a mocidade
Daquelles corpos, quando
Surgir da vida a torva realidade,
Essas meninas que hoje vão passando
Num sorriso maligno de vaidade,
Recordarão chorando
O tempo gasto com a Futilidade...
Pobres meninas futeis,
Que eu vejo aos centos pela praça!...
Hão de ser más esposas, mães inuteis,
Essas meninas futeis
Que andam mostrando juventude e graça...

ASSIS GARRIDO.

O NOVO NUNCIO APOSTOLICO

Realisou-se no dia 1 deste mez, no palacio do Cattete, a audiencia solemne em que o novo nuncio apostolico apresentou ao exmo. sr. presidente da Republica as credenciaes do Santo Padre junto ao governo brasileiro.

A's 4 horas da tarde, conforme fora prefixado, chegou o exmo. Mons. Aloisi Massella, acompanhado do sr. Henrique de Saules e Mons. Egidio Lari, respectivamente introductor diplomatico e auditor da nunciatura.

Esperaram-no á porta principal, o sr. Ferreira Braga e Capm. Affonso Ferreira que, logo a seguir, o levaram ao salão de honra onde o exmo. sr. Washington Luis se achava em companhia do ministerio e de outras civil e militar.

Feitas as representações, trocados os cumprimentos, o sr. presidente, convidou o enviado pontificio a sentar-se, entretendo com elle algum tempo de cordeal palestra.

Retirou-se após, o embaixador do Vaticano e ao chegar á rua, para tomar o carro official recebeu outra vez a honra da pragmatica, prestadas por um batalhão do terceiro regimento de infantaria.

Nesse mesmo dia Mons. Massella recebeu expressiva e carinhosa manifestação do clero e dos catholicos cariocas, interpretando os sentimentos destes o Conego Gonçalves de Rezende, notavel orador sacro.

No dia 2 Mons. Visitou a eminencia o Cardeal Arcoverde, no palacio S. Joaquim, entregando-lhe um pergaminho pontificio acompanhado de um autographo do Cardeal Gaspari secretario de Estado da S. Sé.

"Flor de Liz"

DIRECTORA—ORDEM DOS SERVOS FURMICA—SECRETARIA—ALINE ROLIM—REDACTORES—DIVERSAS

Com permissão da Autoridade Diocesana.

NÃO ASSUMIMOS RESPONSABILIDADE PELOS CONCEITOS EMITTIDOS NOS ARTIGOS ASSIGNADOS, POIS DAMOS A NOSSOS COLLABORADORES RESPEITADOS O DOGMA E A MORAL CATHOLICA, AMPLA LIBERDADE.

ASSIGNATURA
ANNO . . . . . 10$000
NUMERO AVULSO . . . . 1$000

ANNUNCIOS
MEDIANTE AJUSTE COM A GERENCIA DO «O RIO DO PEIXE».

TODA CORRESPONDENCIA PARA A FLOR DE LIZ DEVE SER DIRIGIDA Á 1a. SECRETARIA
ALINE ROLIM

Ha vantagens para uma moça em instruir-se?

(DE UM INQUERITO DA "REVISTA SOCIAL")

O enunciado assim exposto só tem uma resposta: a affirmativa...

O essencial é saber até que ponto deve attingir essa instrucção. A justa medida impõe-se para evitar o excesso de intellectualidade, pois torna quasi sempre antipathico quem, possuindo-o, tem o prazer ou a vaidade de o impor.

Si alguem aprende pela vontade de saber apenas, todo estudo é pouco, porque quanto mais se adianta, novos horizontes surgem para deixar entrever a extensão inattingivel da sabedoria.

Ha differentes exemplos de intellectuaes e scientistas: umas vaidosas de sua intelligencia e instrucção, outras modestas e sufficientemente intelligentes para comprehender o absurdo da vaidade. Desses exemplos devemos tirar um proveito: si as vaidosas são antipathicas, não as imitemos e, si as não vaidosas são interessantes numa palestra, porque não as imitar?

Na epoca actual em que as conversas [illegible] se fazendo cada vez mais necessaria uma intellectual [illegible] e póde se dizer [illegible] ser [illegible]

Felizmente porém, ha ainda quem estude.

De tudo que aprendemos fica-nos sempre alguma cousa de que, cedo ou tarde, tiramos proveito. A leitura de livros bons e trabalhos profundos e instructivos auxilia a formação do caracter e o espirito de critica; este é essencial em proveito proprio, porque quem se conhece e sabe comprehender o que pode e deve lêr tem, por assim dizer, a intelligencia liberada.

Para chegar a este ponto não se deve nunca descuidar do estudo da sciencia e da literatura, porque a «distracção» na vida atrasa. «Distracção» aqui, não significa divertimento e sim abandono do estudo, pois num divertimento ha tambem o que aprender.

O mais difficil, em geral, é o programma para essa instrucção — o excesso num ramo da sciencia prejudica outro, a menos que haja da parte de quem estuda uma tendencia pronunciada para esse ponto. Nesse caso será aproveitavel para a vida collectiva.

Um pouco de tudo é [illegible] util, afim de [illegible] ou centro de palestra saber dar a sua opinião justa e baseada e evitar assim que a conversa caia e perca o interesse.

Saber calar e ouvir são virtudes pouco communs e que por isso mesmo devemos cultivar. Em diversas occasiões ouvimos pessoas que, tendo uma opinião, só a ella se dedicam e querem-na impor de qualquer maneira, não nos permittindo uma resposta.

Só no estudo é que a vida se torna interessante, do contrario a monotonia das horas e dos dias leva-nos ao aborrecimento e talvez á neurasthenia.

Evitemos esse estado interessando-nos por tudo, querendo conhecer os mysterios da vida, as idéias alheias, por meio dos livros, o progresso da sciencia e muito da actualidade: a mecanica, e tudo mais que Deus permitte ao homem explorar.

REGINA F. REAL.

Rio—Maio, 1927.

NÃO se pode fazer o bem a todos, mas póde-se testemunhar a todos a benevolencia

GUYAU

Desastre feliz

Em pé, no meio da estrada coberta de poeira e com as aguilhões na mão, os dois rapazes olharam-se, interrogando-se

—E agora?

Sanches, o mais moço, olhos de furapedra, labios risonhos, respondeu:

—Procurar onde passar o tempo, emquanto se concerta esta *joça*. Ficar no carro é que eu não fico.

A pouca distancia delles estava o trem descarrilado,—uma fileira de caixas velhas, sujas, de crista cahida, como envergonhadas daquelle desastre. Uns passageiros permaneciam nos *wagons*, outros levantavam-se do chão, sacodindo-se, quatro ou cinco machucados e contundidos, todos furiosos do atrazo e do abalo sentido.

—Vamos á estação, a ver si achamos lá qualquer cousa que sirva de almoço, lembrou Camargo. Estou morto de fome.

Effectivamente o sol ardia já, pois eram 11 horas. Os rapázes suavam.

—O' *seu* machinista, perguntou Sanches a que horas fica prompta esta geringonça?

De sobr'olho carregado, boné para traz, mexendo nos ferros da machina, o homem respondeu seccamente.

—Não sei. Talvez lá para as quatro horas.

Sanches gyrou nos calcanhares.

—Pois vamos andar, meu velho.

E seguiram de vagar, parando aqui e acolá a apreciar a região, o matto, as serras distantes, procurando a frescura das sombras e engulindo pó.

—Olha, Camargo, uma fumacinha ali perto. Casa de gente.

—E' verdade. Como nos contos de bruxas e fadas, quando alguem se perdia no bosque...

—Pois é. E estás vendo o telhado entre as folhas?

—Vejo.

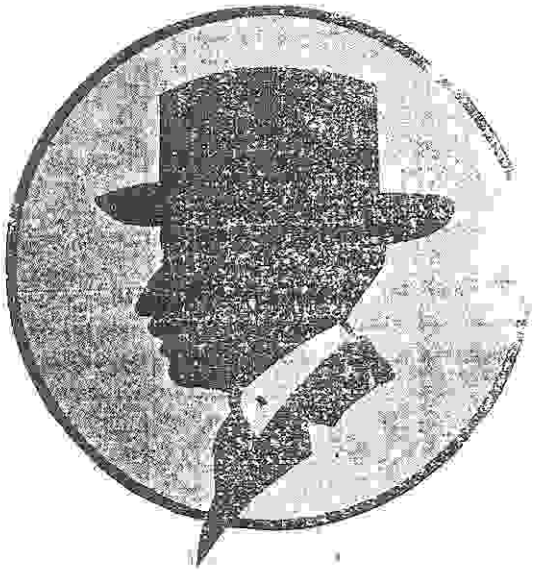
—Toca para a frente. Hão de dar-nos alguma cousa, sem que seja um ca[illegible] magro.

—Ah, mano, que lá se ouça o apito e [illegible] a viagem.

—Ai isso. Acabou o trabalho para muitas horas. Um material todo pódre, levado da bréca.

Os viajantes estugaram o passo e deram comsigo na porteira aberta de uma cerca de pau a pique.

Em face estava a casinha, caiada, porta entre duas janellas sem pintura. Ao lado esquerdo grande jaqueira, dando sombra deliciosa e com tóros de páu em baixo, á guisa de bancos; á direita um jardinzinho cheio de flores e crotons. Tudo limpo e agradavel.



Dr José Maciel, illustre clinico conterraneo, que, na Capital do Estado, exerce, com incrediveis proficiencia, sua honrosa actividade. O dr. Maciel é ainda festejado jornalista

A porta da casa estava fechada. Bateram com o guarda-sol;

—O' de casa.

—Quem é?

—E' de paz.

Rangeu a chave e appareceu uma moça morena, séria, faces vermelhas pelo calor, tendo na mão um ferro de engommar.

—Bom dia, senhorita.

—Bom dia.

—Somos caixeiros viajantes, passageiros do trem que descarrilou...

—Ah!

—E temos 3 ou 4 horas de espera. Desejamos obter um almoço ligeiro.. Faz favor de informar: ha hotel por estas bandas? Tomámos café na Esplanada, e chegar á Bahia á noite, assim sem comer..

Isso dizia Camargo. Sanches concluiu em tom de dramalhão:

—E' pavoroso!..

—Hotel não ha, nem cousa que se lhe pareça,—disse a moça sorrindo levemente.

—Pode a senhorita fornecer-nos qualquer coisa, ao menos um copo d'agua?

—Agua é que não falta aqui. Tenham a bondade de entrar.

Entraram. Ella pousou o ferro no tijolo sobre a taboa e dirigiu-se ao fundo da sala, onde estava uma senhora gorda, de certa idade, sentada numa rêde a serzir meias.

—Namãe, aqui estão dois moços... Vosmcê ouviu?

—Ora! Foram bemvindos, senhores viajantes. Bons dias.

—Bons dias, minha senhora.

E cumprimentaram-se sandandoa.

—Queiram sentar-se. Desculpem não me levantar. O rheumatismo pregou-me nesta rêde ha dois dias...

—Oh! não se incommode.

—Com que então, houve desastre?... Ferimentos? mortes?

—Grande coisa não. Duas cabeças quebradas, um pé torcido, arranhões, gritos de senhoras nervosas... Nós escapamos illesos.

—Graças a Deus! Perolina, vae ver agua e licor de genipapo. Elles estão suados.

A moça empurrou uma pilha de costuras que estavam sobre pequena mesa encostada á parede e disse:

—Ponham aqui suas malas e chapéos. Vou buscar o licor.

—Obrigados, senhorita.

Puzeram tudo sobre a mesa; enxugaram a testa e sentaram-se.

Perolina voltou trazendo uma bandejinha preta, minuscula, com dois copinhos de vidro grosso cheios de licor e dois copos de barro vermelho com agua fria.

—Desculpem não ser fino o licor. E' feito em casa e sem filtrar.

Os rapazes chupitaram o genipapo e beberam agua com immenso prazer.

—Mil graças, senhorita. Está delicioso!

—E que agua excellente, parece gelada!

—Agora, Perolina, volveu a matrona, como ha de ser? Eu estou aqui pregada... e tu estás tão occupada com esse engommado... Vê si Vicencia arranja ahi depressa um pratinho qualquer para os moços. Coitados! ir até a cidade em jejum!...

—Não se afflija, mamãe. Arranja-se já. O engommado espera.

E desappareceu.

—Hão de perdoar, senhores...

—...Luiz Camargo... —José Sanches,... —disseram os moços, inclinando-se.

—E eu Emilia Torres, sua criada... Hão de perdoar as faltas que houver. Somos tão pobres!

—Que faltas, minha senhora? Não esperavamos tanto. Estamos muitos gratos, desde já.

—E' dever nosso acudir uns aos outros. E nestes desertões! A Bahia está longe ainda!...

Agradeceu intimamente graças á sua boa estrella por haver-o trazido ali, emquanto os outros estavam na estrada, debaixo do sol a pino.

Passaram alguns momentos em silencio. Sanches de quando em quando examinava a sala, mal mobiliada mas arrumadinha e alegre.

D. Emilia procurava assumpto de conversa, para passar o tempo.

—Estes homens do governo não se preoccupam absolutamente com as necessidades do povo. Imagino como não ficarão suas familias assustadas com este atrazo!... Já são casados?

—Eu já, felizmente,—respondeu Camargo. O Sanches está para isso.

Sanches ia protestar contra o gracejo, mas resolveu calar-se.

—Faz muito bem, sr. Sanches. Deus o ajude a ser feliz!...

Novo silencio.

—As senhoras moram aqui ha muitos annos?—perguntou Sanches.

—Ha uns 7 ou 8. Quando meu marido morreu descemos do sertão, de Monte Alto, compramos este sitiosinho e trabamos aqui para viver. Perolina, coitada, é que aguenta com a lida maior, depois que me appareceu este bemdito rheumatismo. Cose de dia e de noite. Estão vendo aquella ruma de ceroulas e camisas de homem? Pois foi ella quem as fez, inteirinhas. Tem muitas encommendas da cidade; não ha mãos a medir. Está ensinando a Vicencia, uma pretinha orphan, que nós criamos. Ellas engommam de ganho, tratam do jardim, da horta, das arvores, das criações... E têm uma sorte!... nas mãos dellas tudo prospera!...

Os rapazes sorriram. A velha julgou perceber no sorriso delles uma pontinha de troça ou de duvida.

—Mas... louvor em bocca propria é vituperio, não é?

—Não, senhora. Gostamos até muito de ouvil-a, acudiu Sanches.

—Não hão de faltar pretendentes á d. Perolina—ponderou Camargo.

—Oh! não pensemos nisso. Demais... «moça pobre não se casa».

Nesse momento uma gallinha de pintos invadiu a sala, cacarejando, e desviou a attenção. Os pintos corriam e piavam estonteados, procurando o que engulir.

—Que desaforo!—exclamou d. Emilia—Ora já se viu!... Acharam a grade aberta. Vicencia!...

Os rapazes ergueram-se e enxotaram os invasores, fechando a gradesinha de páu, que a porta de dentro tinha.

Passando junto á ruma de camisas, disse Sanches:

—Dá licença que apreciemos o trabalho, d. Emilia?

—Pois não! podem vêr.

Revistaram tudo. A costura era perfeita; o corte correctissimo.

—Ah, eis aqui um livro. «As minhas paixões» de Silvio Pellico. Pelos modos

[illegible] gosta de ler.

— Isso é muito. Mas ler tudo vagas e sem methodo não faz outra coisa. Tem uma estantesinha cheia, porem só de livros bons, já se vê. Romances e coisas ruins cá não entram!... Nem ella quer, nem eu consentiria!...

Os olhos de d. Emilia faiscaram de autoridade.

Perolina entrou na sala.

—Já arranjei, mamãe. A senhora póde vir fazer as honras da casa?

E accrescentou, sorrindo:

—Honras de casa pauperrima.

—Eu, menina? Estás caçoando. Vae tú servir aos hospedes. Elles me desculpam.

—Perfeitamente, d. Emilia. Fique a seu gosto.

Perolina levou-os á salinha de dentro. Que asseio! Que ordem! tudo pobrezinho, mas revelando,—até uma jarrinha de flores entre os pratos, — certa elegancia muito rara em casas humildes.

A comida era modestissima: feijão, fritada de ovos, carne de sol assada; depois bananas fritas, ainda licor de genipapo e café para sobremesa.

A rapariga pediu desculpas; — era o seu jantar de sertanejas...

Ella falava e fazia tudo com uns modos tão simples e naturaes, sem acanhamento nem desenvoltura, tão calma e senhora de si como se fosse uma educadissima dona de casa, a servir iguarias finissimas.

Os rapazes estavam encantados.

—Agora, si os senhores quizerem, podem ir tomar um pouco de fresco debaixo da jaqueira. Faz tanto calor aqui!..

—E o trem?... não podemos perdel-o. São quasi 2 horas!...

—Já mandei indagar. Espera se que a machina esteja prompta ás 3 horas. Não tenham susto.

Camargo puxou a carteira e ia tirando uma nota,

—D. Perolina, com sua licença...

—Oh, não, sr. Camargo. Absolutamente não! Mamãe ficaria offendida. Não!

—Obrigado, senhorita. Muito obrigado!—respondeu Camargo, guardando a carteira.

—Deus a recompense, d. Perolina,—murmurou Sanches, com um tom extranho na voz.

O rosto da jovem illuminou-se de repente, depois tornou á serenidade fria.

—Agora vou levar jantar a mamãe. Ella soffre tanto, coitadinha!...

Os rapazes sahiram e foram sentar se sob a sombra da jaqueira, accendendo os cigarros. Tiraram as primeiras fumaças, nas delicias do chão entregado, sob as ramas verdes que as arvores espalham de leve.

—Então, Sanches, que pensas de tudo isso?

—Penso que estou sonhando. Esse menina é uma ideia.

—Si tu não me andasses á procura de dote, hein?

Camargo piscou os olhos, com malicia. Sanches ficou calado.

—Casarias com ella?—insistiu o outro.

—Vaes muito depressa, meu caro. A gente não se casa assim.

Fizeram silencio. Depois Sanches proseguiu, olhando um bezouro que zumbia e voava perto:

—Procuro dote, sim, mas não ha melhor dote que o de Perolina. O dinheiro evapora-se; as qualidades ficam.

—Estás falando serio?

—Muito sério.

—Ella não é o que se póde chamar uma moça realmente bonita.

—Mas é sympathica, meiga, gentil. A belleza um dia se esvae. Não reparaste como está graciosa com o seu vestidinho de cretone, limpo e bem posto? Aquella póde, com mais algum traquejo social, fazer as honras de um palacio. Parece uma princeza, disfarçada em matuta. E a mãe tambem é correcta. São intelligentes, fallam direitinho... reparaste?

—Que enthusiasmo! Estou vendo que a Lilinha fica no canto.

—Lilinha é passatempo, *bibelot* de sala. Homem de bom senso não casa com semelhante figurinha pintada, frivola, saltitante, valendo apenas o setim que veste. *Vade retro!*

—Nisso tens razão.

—Eu sou pobre, vivo do meu suor, e preciso de mulher que não desperdice em luxo o dinheiro que tivermos, mas que o poupe e faça render. Mulher trabalhadora, que me ajude. Mulher criteriosa, que me comprehenda. Quem sabe?... Talvez Perolina seja a perola que procuro.

—Isso seria sempre casar por interesse, sem amor.

—Sem amor? Menos essa!... O amor está chegando pela estrada da estima. E' o seu caminho melhor.

Sanches tirava longas fumaças meditando, sonhando.

—Voltarei a vel-a.

—Encommendarás camisas... — disse Camargo, sorrindo.

—Sim. Estudarei o caso com vagar e... póde ser que te convide um dia para testemunha do nosso casamento. Verás como dois pobres fazem um lar ditoso.

E accrescentou, gravemente:

—Dois pobres hoje, amanhan ricos com a benção de Deus, si é verdade que trabalho e economia fazem crescer a fazenda.

Ouviu-se o som do apito, longo, es-

Notas Elegantes

A' MINHA FILHA

Faze do teu conforto o de teu pão
o bem de amigo e de estranha gente.
Aperfeiçôa, em sonho, a tua mente,
aperfeiçôa em dôr teu coração.

Si na apopéa da desesperação,
as lagrimas te vierem, num repente,
que só porçam, silenciosamente
o segredo de tua solidão.

Sê generosa para os maos e os nescios.
No embate cruel que a toda vida vem,
os teus desejos de ventura, esquece-os.

A má revolta do teu sêr contém,
e os fios toma á tua magua, e tece-os
em trama de ouro, para o alheio bem.

ROSALINA COELHO LISBÔA.

SETEMBRO

FIZERAM ANNOS:

no dia 8, a pequena Ednyr, filhinha do sr Octacio Becerra e sua digna esposa d. Izabel Cezar Becerra.

—no dia 11, a virtuosa senhorita paranaibuense e illustre professora pr. Heliodoro Pires que se dirige a collegio Pe. Julião, na sua cidade natal.

—no dia 12 Maria Izabel de Sylos Cardoso, esposa do dr. Christiano Cartaxo e uma de nossas queridas companheiras.

—no dia 14, o sr. Anisio Rolim.

—no dia 15 o enlace matrimonial do sr. Alvaro Marques, da firma J. Marques & Filho, desta praça, com a exma sra. d. Anna Julia Rolim Marques

FAZEM ANNOS:

—no dia 22 o interessante José Odilio, filhinho do casal Hildebrando e Odilia Leal, nossa querida directora

—no dia 24 o garrulo Aloysio, filhinho de nosso distincto collaborador J. Bonifacio de Moura e sua digna esposa d. Victoria Rolim Moura, nossa distincta companheira

—no dia 25 a pequena Edith, filhinha do Sr Manoel Ramalho e d Maria Ramalho, de Conceição.

—no dia 26, o enlace matrimonial do casal J. Bonifacio e d. Victoria Moura.

—no dia 28 o intelligente menino Acacio, filho do sr. Amelio Estrella Cartaxo e sua virtuosa consorte d. Zephinha Cartaxo Estrella.

—no dia 30, o casamento dr. José Braga e a exma. sra. d. Rosa Mattos Braga; a interessante Maria Eulina, filhinha do casal Thomé Mendes Ribeiro e d. Rosa Tavares Ribeiro, nossa presada companheira.

NASCIMENTOS:

ZELIA é o nome da primogenita do dr. José Braga e Madme. Rosa Mattos Braga, nascida no dia 25 deste.

—Com o nascimento de Maria de Lourdes, está de parabens o lar do prof. Severino Loureiro e nossa dilecta companheira d. Alcide Cartaxo Loureiro.

[illegible] os parentes de adeus.
—Que diacho! é hora de partir!
Os noivos, porém, agarraram-se [illegible] apertos [illegible] promettem [illegible]

Seis mezes depois, radiante e feliz, Perolina Torres casava-se com José Sanches, primeiro caixeiro e depois socio da acreditada firma Rocha, Sylvani & Comp.

AMELIA RODRIGUES

A uma creança

Criança que eu abençôo!
Tú passas na minha vida
Como, sobre o mar, o vôo
De uma alcione perdida.

Quando me abate a coragem
Ver, sucumbido e tristonho,
Esvair-se uma miragem
No desencanto do sonho,

Si exanime eu tombo em meio
Das sombras do meu deserto,
Ouço-te a voz—e desperto!
Vejo-te os olhos—e creio!

Acho sempre o teu carinho
Nas maguas mais dolorosas
—Como petalas de rosas
Que espalhas no meu caminho

Sopro de aragem descida
Do céo—do céo que me espera—
Enches-me os ermos da vida
De effluvios de primavera...

VICENTE DE CARVALHO

A uma creança

Criança que eu abençôo !
Tú passas na minha vida
Como, sobre o mar, o vôo
De uma alcione perdida.

Quando me abate a coragem
Ver, sucumbido e tristonho,
Esvair-se uma miragem
No desencanto do sonho,

Si exanime eu tombo em meio
Das sombras do meu deserto,
Ouço-te a voz—e desperto !
Vejo-te os olhos—e creio !

Acho sempre o teu carinho
Nas maguas mais dolorosas
—Como petalas de rosas
Que espalhas no meu caminho

Sopro de aragem descida
Do céo—do céo que me espera—
Enches-me os ermos da vida
De effluvios de primavera...

VICENTE DE CARVALHO

ROMANCE
de
Paulo Keller

O LAR

Traducção autorisada
de
Justino Mendes

CONTINUAÇÃO — VIII

V

O interrogatorio do accusado estava terminado. Germano Raschdorf não confessára a horrorosa culpa que lhe era attribuida.

A sala estava repleta. Quem pudera sahir da aldeia não deixára de comparecer.

—Está bem ruim isto,—segredava o ferreiro ao mercieiro.

—E' está mesmo,—tornou aquelle.—Uma cousa assim sempre abala uma pessoa. E um como elle! Repare como já tem cabello branco!

—Não se volta uma unica vez,—disse a Glase.—Está muito vexado.

—Pudera não!

—Silencio na sala!

Julio Schreger foi chamado. Vermelho como brasa aproximou-se da mesa verde. Nem de um olhar dignou o réo que, pallido como um defunto, contemplava o seu vizinho com olhos ardentes e receiosos.

—Chamo a sua attenção para a santidade e importancia do juramento. Repita o que eu vou dizer:

—Juro dizer a pura verdade sem occultar nem accrescentar coisa alguma. Assim Deus me ajude!

Verificou-se a identidade da testemunha e Schreger foi intimado a declarar tudo o que soubesse a respeito da origem do incendio.

Começou a falar vexado e hesitante. Contou que Raschdorf estivera em casa delle na tarde do dia do incendio, que tinham conversado o principio sobre as reias condições em que se achavam os bens do réo, que depois chegara o Riedel e falára num incendio na visinhança. E então o Raschdorf declarára que um incendio não era coisa tão ruim porque havia o seguro e porque todos auxiliavam ao que soffria o prejuizo.

—E o que disse o sr. a essas palavras?

O GENERAL PAU, O ILLUSTRE SOLDADO CHRISTÃO QUE DEIXOU BEM PATENTE NA GRANDE GUERRA QUE O VERDADEIRO PATRIOTISMO NÃO SE JUSTIFICA SEM DEUS

—Eu disse que não deviam peccar.

—E foi o mais acertado. Continúe.

Pouco mais podia dizer. O Riedel disse que a casa do Raschdorf estava ainda muito bôa; mas o Raschdorf respondeu que o estabulo não prestava e os telhados estavam damnificados, que sempre era preciso estar a remendar. O Raschdorf estava um pouco bebedo. Ás sete horas sahira e ás sete e meia viera uma creada da herdade das Pedras annunciando o incendio.

—O sr. teve negociações com o réo?

—Sim, muitas vezes lhe emprestei dinheiro.

—Ultimamente o réo teve grande prejuizo em compra de acções. Diz-se que o sr. instou muito com elle para fazer a compra. Como foi isso?

Schreger enrubesceu. Narrou que havia annos se fundára uma grande empreza por meio de acções. E elle aconselhára a Raschdorf que nella entrasse. E entrára.

—Mas elle teve que lançar mãos d'uma hypotheca para poder tomar as acções?

—Sim, mas na occasião o Raschdorf estava ainda muito bem.

—Foi um conselho bem dado da sua parte! Imaginava, porém, que a coisa era certa e rendosa?

—Sim, sim, foi o que imaginei.

Mentira! Não passa de mentira!

—Silencio na sala! Si isso se repete mais uma vez, chamo para cá o perturbador da ordem!

Os aldeões apertaram-se mais, afastando se um pouco de Mathias Berger, o qual tremia junto á balaustrada depois de proferir aquellas palavras.

—Sabe, sr. Schreger, quem foi o incendiario?

—Não sr.

O advogado ergueu se.

—Uma pergunta! Sr. Schreger, o sr. foi amigo e visinho do réo. Conhece-o desde a mocidade. Julga-o capaz desse crime?

Schreger mudou mais uma vez de côr.

—Eu... eu não tenho certeza. Mas julgo... que deve ter sido elle.

—Não é verdade! E' uma crueldade! O Raschdorf não foi! E'

[illegible] [illegible] o proprio Schreger.

O presidente saltou como impellido por uma mola

—Meirinho! Tenha-me aquelle [illegible] ali no balaustrado e que [illegible] de fallar!

Um meirinho obedeceu e Mathias Berger foi levado ao juiz. Os aldeãos mal respiravam.

Verificou-se a identidade de Berger.

—Como é que o senhor se atreve a estorvar mais de uma vez o interrogatorio?

—Eu... eu não me contenho, quando vejo aquelle... aquelle bandido mentindo!

—Vou autual-o!—disse Schreger rubro de cólera.

—Está no seu direito!

O promotor ergueu-se.

—Requeiro tres dias de prisão a executar immediatamente contra Mathias Berger, por causa da perturbação da ordem no julgamento.

Foi approvado e Berger logo conduzido.

Fóra, no longo corredor do palacio de justiça, encostava-se a uma janella Henrique Raschdorf. Mathias Berger, que o meirinho conduzia pelo braço, passou por elle e lançou-lhe um olhar doloroso

—Mathias... Mathias... que é...?

—Henrique, seu pae está perdido!

—Mathias, Mathias! eu quero... eu... eu...

E agarraram-se desesperadamente ao trapeiro.

—Para traz, menino, para traz... sinão...

Como paralyzado o menino largou o e ficou olhando para os dois que desappareciam no longo corredor. Depois voltou á janella e olhou sem lagrimas mas tremendo em todo o corpo, para o enorme patio que ficava em baixo.

Na sala de audiencias interrogava-se uma creada.

Tinha que fazer no estabulo, mas [illegible] quando vira o movimento. Tinha voltado para casa

—Que disse o réo quando lhe deu a ordem?

A criada não respondeu.

—Perguntei o que disse o seu patrão quando você lhe entregou [illegible]

—Eu... eu não disse nada, [illegible] eu... eu...

O rapaz ergueu os olhos e fitou ancioso o juiz.

—Eu... eu quero... dizer tudo. Fui eu... fui eu... que puz fogo á casa!

Alguns gritos soaram na sala sem que o presidente se lembrasse de chamar á ordem.

—Você poz o fogo?

—Sim... eu quiz... fumar um cigarro... no paiol... e então...

O réo ergueu-se de subito.

—Henrique! Henrique, isso é verdade?

Henrique Raschdorf levantou os olhos e disse:

—E' verdade!

—Rapaz, como é que você conta isso? Você vae já para a cadeia si é verdade. Pense isso! —disse o juiz.

—E' a verdade! — repetiu Henrique.

E immediatamente empallideceu e poz-se a tremer tão violentamente que o juiz ordenou se assentasse um pouco até que se recobrasse.

O julgamento proseguiu o seu curso.

—Augusto Riechel!

O gigante moveu-se pesadamente na sala. Murmurou tão baixo a formula do juramento que o presidente teve que dizer-lhe que falasse mais alto.

Desageitado e medroso, ao dizerem-lhe que contasse o que sabia, apenas resmungou, murmurou qualquer coisa que ninguem entendeu, e ficou nisso. O juiz teve de recorrer ás perguntas.

—O senhor, na hora do sinistro, estava na casa ou nas dependencias?

Reichel esbugalhou os olhos para o juiz e não deu palavra.

—Pergunto si o senhor naquelle dia á noite, entre sete e sete e meia, estava na casa, na estrebaria ou no celleiro.

O capataz sacudiu a cabeça.

—Eh! eh!

—Onde estava naquella hora?

Reichel imaginou, — e disse depois lentamente

—Em casa.

—Quer dizer que estava na casa, no seu quarto?

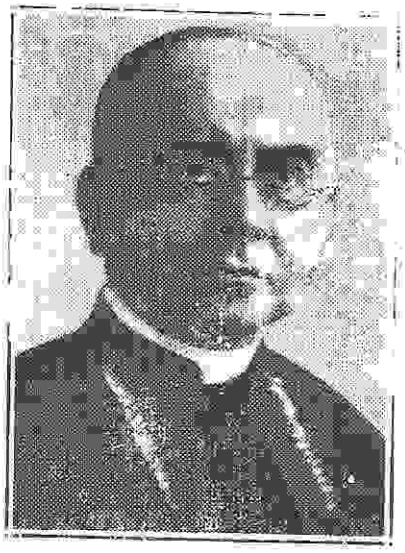
Reichel affirmou com a cabeça.

—Quem estava com o senhor?

—O João e o Henrique.

—Que faziam os meninos em sua casa?

—Sessenta e seis!



O CARDEAL HARTMANN, UM NOME DE QUE A ALLEMANHA CATHOLICA JAMAIS SE ESQUECERÁ

Cabisbaixo, sem pinga de sangue no rosto, entrou Henrique Raschdorf na sala das audiencias. Uma unica vez circumvagou seus negros olhos em roda. Quando viu o pae abriu a bocca espantado, contrahiu-se-lhe o rosto e estacou. Mas em seguida declinou os olhos e apresentou-se diante do juiz.

Este contemplou o bello rapaz e um raio de sympathia passou pelos olhos sagazes, frios e interrogadores do jurisconsulto.

—Meu filho, é chamado como testemunha. O réo é seu pae, você pode recusar o seu testemunho. E sendo assim, pode já retirar-se outra vez.

[illegible]

—Mas o patrão não foi!—disse elle.

—Porque não foi elle?

Reichel ergueu os hombros.

—Sabe qualquer coisa que indique a innocencia do seu patrão?

Reichel acenou significativamente.

—Eu digo.

O juiz passou a mão pelo rosto.

—Eu acho, Reichel, que não passa de uma opinião sua. Tem alguma prova?

—Elle não é capaz! De forma alguma!

—Assente-se!

O capataz assentou-se no estreito banco das testemunhas e espichou as longas pernas pela sala fóra. O seu rosto estava sombrio, porque tanto fallar tinha-o aborrecido.

—João Reichel!

O João foi trazido quasi á força e em triste e lamentavel estado. Tremiam-lhe braços e pernas e gritava a enternecer as pedras. O juiz tratou-o com brandura, mas o alarido foi peior. Então o funccionario pregou-lhe um forte grito, e foi o que valeu.

O juiz verificou primeiramente que o João estivera com o pae e Henrique.

—Que estavam fazendo?—interrogou o juiz laconico e um tanto rispido.

A esta pergunta o João assustou-se muito. Poz-se outra vez a chorar, ergueu as mãos implorando, e soluçou:

—Jogamos o sessenta e seis!... mas não faço mais... nunca mais... não me ponham na cadeia... ai...

—Socegue, menino! Não tenho nada com isso. Por ter jogado [illegible] não lhe succede [illegible] ... [illegible] Raschdorf [illegible] para

[illegible]

—E no dia do incendio, não fumaram?

—Não, ahi não... não senhor, ahi não!

—Antes de entrar na casa não estiveram no paiol?

—Não, entramos logo.

—Henrique Raschdorf!

O rapaz adiantou-se outra vez.

—Ouviu o que diz seu companheiro? E' justamente o contrario do que você affirma. Quem é dos dois que mente?

—Eu... eu fumei... fumei sósinho... no paiol...

—Fumou sósinho? Quando... quando fumou? Quando esteve só?

O rapaz ficou em mortal perplexidade e não achou resposta.

O João criou coragem e ergueu o dedo como fazia na escola.

—Mestre, é mentira! Esteve sempre lá em casa, e depois, quando fômos á casa delle, Roberto, o criado, foi tambem.

—Roberto Kirschner!

O criado depoz que sahia da cocheira quando viu vir os dois rapazes das dependencias da criadagem, e, como ainda não estivéra com Henrique, que chegára para as ferias, foi com elles, acompanhando-os até a porta. Viu o Henrique entrar em casa, e conversou ainda com o João. E nisso chegou a Carolina dizendo que havia incendio.

—Henrique Raschdorf! Porque mentiu no tribunal? Porque se accusou a si mesmo?

—Meu pae! Meu pae!

—Quiz salvar seu pae?

O menino acenou affirmativamente entre violentos soluços. Quebra-se-lhe o animo.

—Alguem lhe aconselhou essa declaração? Diga agora a verdade, menino! Você sabe que Deus está lhe vendo a alma. E

[illegible]

Não senhor.

[illegible] ao menino que a [illegible] as portas [illegible] com o incendio tinha tudo perdido do que estava. Machinas queimadas sem estarem no seguro, a bella colheita [illegible] tambem queimada [illegible] estado fóra. A ruina tornára-se completa com o incendio.

Ainda foram interrogadas muitas outras testemunhas sem apurar-se nada de importante.

Começaram os debates.

O promotor [illegible]

O réo estivéra em situação desesperada. Pelo São João não pudéra pagar os juros e nem pelo São Miguel. Accrescia uma letra que não pudéra pagar. A tarde do dia do incendio, pela narração de Riedel, excitára se a phantazia de Raschdorf; reconhecera uma bôa sahida no incendio e expressára este pensamento por palavras bem compromettedoras. Animara-se com o alcool abundantemente ingerido e por conseguinte, o promotor tinha plena certeza de que o réo puzéra fogo ao paiol, em seguida fôra á cavallariça, onde, por um fallar sem motivos, quizéra mostrar-se indifferente e afastar de si as suspeitas, e depois entrára em casa. Na bebedeira não pudéra conter-se e rira-se quando a creada annunciou o fogo.

Qual era o lavrador que se ria ao annunciarem-lhe o incendio na sua herdade? O facto de ter realmente peiorado a situação do réo pelo incendio não era de nenhum valor.

(Continúa)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
[illegible]
BIBLIOTECA
CAMPUS [illegible] CAJAZEIRAS - PARAIBA

PENSAMENTOS

ELISABETH LESEUR

O futuro será o que nós o fizermos; penetremo-nos deste pensamento e que elle nos incite a trabalhar. Principalmente fiquemos bem persuadidos que toda a reforma collectiva deve ser primeiro uma reforma individual. Ponhamos mãos á obra para nos transformarmos a nós mesmos e á nossa vida. Trabalhemos sobre os que nos rodeiam não por uma vã pregação, mas pela força irresistivel de convicções elevadas, pelo exemplo da nossa vida. Demo-nos sem contar, e procuremos fortalecer nossa fé, augmentar nossa intelligencia, certos então que todos ahi virão aquecer, e esclarecer seu coração e seu espirito.

* * *

O mundo não tem geito para adivinhar as almas; elle não sabe penetrar além daquella capa que envolve o nosso eu mais intimo. O que temos de invencivelmente forte, puro e verdadeiro, só é visto na intimidade da consciencia por Aquelle que vive em nós e julga com mais justiça e amor do que podem fazer os homens. Que razão para sermos corajosos, fieis na vida de cada dia! Nada se perde aos olhos do Hospede Eterno e, lei não menos certa, o mais insignificante de nossos actos tem profunda repercussão sobre outras almas.

O fanatismo inspira-me um horror invencivel, e não posso comprehender que elle [illegible] com uma convicção sincera Aquelle que ama apaixonadamente o christianismo e deseja [illegible] [illegible] traiçoeiro de todos. Desprezamos com admiravel calma de consciencia todos aquelles cujas crenças differem das nossas e pensamos estar dispensados para com elles da grande lei da caridade. Um judeu, um protestante, um atheu, não são para nós irmãos no verdadeiro sentido da palavra, irmãos amados profundamente, e pelos quaes nos sacrificamos e que envolvemos num amor delicado. Parece que contra elles tudo seja permittido, muitas vezes até a calumnia, e parece termos por fim antes offendel-os do que convencel-os. As doces palavras de Jesus, as de S. Paulo tambem declarando que d'ora avante não haveria mais «nem Judeus nem Gentios,» tudo isso foi esquecido. Que ao menos aquelles que gravaram em seu coração esta grande doutrina de amor, saibam pratical-a para com todos os seus irmãos, sejam quaes forem. Eu, fraca e pequena como sou, quero protestar sem cessar contra o fanatismo, e clamar a todos a Lei de amor de Jesus.

* * *

Para que deixar para o dia seguinte o bem a fazer? para que esperar sermos ricos para darmos? Não ha um dom de si-mesmo melhor que o dinheiro. E não se passa um dia ou mesmo uma hora em que não possamos dar uma lagrima ou um sorriso a um ente que soffre? Não pode uma palavra nossa fortalecer uma alma magoada? Não poderia um acto de puro amor vindo do fundo de nós-mesmos, alegrar uma triste vida? Quantas vezes! ó meu Deus, esquecendo a divina Palavra, não nos descuidamos de um de nossos irmãos, desprezando o soffrimento humano.

* * *

Trabalhemos por [illegible] nossa alma das agitações vãs que perturbam tantas vezes o todo. Que esta alma sempre seja tranquilla e cheia de Deus, seja o refugio aberto a qualquer consciencia [illegible] a todo coração [illegible].

UMA DUVIDA HISTORICA

Quando se queira não é possivel negar ao P. Heliodoro Pires o grande merito de ter dado a Cajaseiras a consciencia de sua grande devida para com a santa Mãe do Padre Rolim.

O illustre publicista que mais se adeantou em dar a conhecer a historia, desta terra, numa obra cheia de erudição, embora filha de muita pressa, trata com enternecido carinho dessa previlegiada velhinha destinada a viver perpetuamente na memoria e no coração de todos que por aqui passarem.

Estou certo de que P. Pires fez no pouco tempo em que ideou e concluiu sua obra, muito mais do que poderia fazer qualquer outro.

Parece-me, porem, que si elle voltasse a tratar do assumpto, havia de retocar alguns pontos, ampliar outros, refundindo seu primeiro e brilhante ensaio.

Apresento eu aqui uma pequena duvida que me foi suscitada pelo sr. Manoel Lycarião e confirmada pelo processo de inventario de Luis Gomes de Albuquerque e Luiza Maria do Espirito Santo, paes de Mãe Anninha, documento que tenho deante dos olhos, neste momento cedido por meu presado amigo e parente Seraphim Waldemiro, 2º tabellião publico desta cidade.

O inventario foi requerido por um neto dos fallecidos Luiz e Luiza, em 2 de novembro de 1871, por ter ficado sem effeito o primeiro, partilha em 1848, visto se haver feito o inventario sem citação, não intervindo nelle o parente dos orphãos nomeado, o senhor Amaro Gomes».

Do termo de juramento e declaração de herdeiro inventariante, lavrado pelo Escrivão Evangelista de Albuquerque, no qual se abriu para declarar seus juramentos, «e disse ser o mesmo que não sabia precisamente a idade de seus filhos si tinhão

O estimado jovem Adaucto V. Albuquerque que goza de merecida estima no nosso meio social

serão alguns dos ditos testamenteiros que herão os herdeiros que lhes havião ficado, que ellazul [illegible] deu a relação dos herdeiros na seguinte ordem que parece tambem a de idade dos mesmos, apezar de não mencionar elle a idade de nenhum.

1) João Evangelista de Albuquerque.

2) Luiz Bernardo de Albuquerque.

3) Cypriano Gomes Lins de Albuquerque.

4) Vicente Ramos de Albuquerque.

5) Antonio Lins de Albuquerque, fallecido.

6) João Lins de Albuquerque.

7) Seraphim Gomes de Albuquerque.

8) Luiz Gomes de Albuquerque, fallecido.

9) Thereza Maria de Jesus, fallecida.

10) Mariana Gomes de Albuquerque.

11) Joaquina Francisca de Albuquerque, fallecida.

12) D. Anna Francisca de Albuquerque.

Ora, P. Pires considera Mãe Anninha a quarta filha de Luiz Gomes. A relação apresentada pelo irmão mais velho, devendo declarar idade de cada um dos demais irmãos, o que não fez, deixando a em ultimo logar, parece indicar que ella foi a ultima filha do velho povoador de Cajaseiras.

Chamo a isto uma duvida pela circumstancia especialissima de se ter Mãe Anninha abstido da herança de seus paes, em virtude de ter recebido dote, para se casar, com esta condição.

Dar-se á que, em vista disto, fosse ella propositadamente nomeada em ultimo logar na relação de seu irmão mais velho? E' pouco forte o motivo, mas pode ter sido um motivo. P. Pires colheu informações na tradição oral, nem sempre fiel no que respeita a datas.

Eu me inclino mais a pensar que a mãe de Padre Rolim foi a *cugula* de seus paes.

E' curioso conhecer-se esse famoso dote de Anna Francisca de Albuquerque, naquelle tempo uma meia abastança.

Mãe Anninha recebeu ainda em vida, de seu pae bens no valor de 202$000 assim:

«O escravo de nome Mgue que foi avaliado na quantia de secenta mil reis.»

«A escrava Isabel que foi avaliada na quantia de cincoenta mil reis».

«Hua Escravinha dada por seu Pai a sua filha Rita que foi avaliada na quantia de cincoenta mil reis.»

«Mais hua Besta, digo, Potra de muda foi dada ao filho, Jogo, dada ao seu filho Jogo, dada ao seu Neto filho de seu filho Joaquim de Sousa que foi avaliada na quantia de quatorze mil reis.»

Mais um centenario

JULIA TAVARES

A civilização tem de começar com o saber não ter limites.

A lei natural da evolução diz as necessidades de que devem estar cheios todos os paizes pelo qual vamos, que, aquelles que mal entram na civilização já tem centenarios gloriosos a commemorar, pois que nos nossos annaes da nação parecem monumentos que passam vergonhosamente.

O Brasil que está na phase dos seus emprehendimentos, commemora, já, o centenario de um eminente vulto, já o de um grande facto.

Temos por exemplo a commemoração do primeiro anniversario da installação do ensino primario na nossa Patria. Foi a 15 de Outubro de 1827 que determinou a installação do ensino nas cidades, villas e logares mais populosos, fazendo assim jorrar os torrentes de luz no meio daquellas intelligencias que se acharam mergulhadas nas trevas do analphabetismo, desconhecendo a educação, a base da vida.

Estabeleceu tambem um programma de ensino do qual fazia parte o ensino da moral religiosa, o ensino de prendas domesticas e a leitura da constituição do imperio.

O sr. Alvaro Marques Galvão, alto commerciante desta praça como socio da firma J Marques & Filho

As leis do antigo regimem possuiam este cunho de gravidade e interesse publico

Foi este o primeiro passo para a educação popular, na qual podemos dizer que não fizemos progressos porque o regimem actual fez desapparecer o programma da moral religiosa, para substituil-a por uma cousa que não passa de um puro rolo-instrucção moral e civica.

No nosso Estado felizmente é tolerado ministrar-se em quasi todas as nossas escolas, o ensino religioso, fora das horas regulamentares.

Ainda assim os catholicos não podem, ante esta situação, descuidar-se, porque bastaria um governo sectario desses que é tão facil surgir, para tirar-nos esta pequena vantagem, pois elle possue uma arma de alcance—a lei.

E' o Mexico o espelho mais recente. Os catholicos não sentiam aquella mal segura situação, porque os governos, mesmo mal orientados, daquella Republica, não violavam as leis existentes; mas, eis que surge um tyranno que as torceu mais injustas, executou-as, deixando correr o resto por conta propria. Que o centenario que vamos commemorar no proximo mez, tenha o merito de chamar-nos a attenção para este ponto.

...Mãe dos Feitos ...naldos a seus filhos Alexandre de Souza e Antonia Thereza de Jesus que ha avaliados ambos na quantia de vinte mil reis.»

Por onde se vê que não era muito grande cousa para se dar aos filhos, antigamente.

...Mãe ...

...Dona Anna Francisca de Albuquerque foi ... pelo seu ... Pedro ... com a ... mais ... consta ... dote, e ... todos os ... seus herdeiros, por isso se abstinha da herança do dito seu Pae, por isso contentava-se com o que havia recebido por si e por seus filhos, dando-se assim por satisfeita com o que lhe poderia tocar. Pelo herdeiro Inventariante, herdeiro e curador dos orphãos foi dito que os confirmatam e anuhião a abstenção da herança da herdeira Dona Anna Francisca de Albuquerque, por conhecerem que lhe assistia este direito e nenhum prejuizo soffrerem com tal abstenção.»

Os bens inventariados orçaram em 5:000$000, os custas em 1:000$.

A parte que coube a cada herdeiro importou em 454$834, portanto, mais do dobro do recebido por Mãe Anninha.

Procedeu se o inventario «nesta Povoação de Cajaseiras, do termo de Souza, comarca de Pombal e Provincia da Parahyba do Norte, em casa de morado do Ajudante Joaquim de Souza Rolim, onde foi vindo o doutor Juiz Municipal e orphãos José Paulino de Figueiredo» com o escrivão Vicente de Souza Nazareth. — H. L.

A CABEÇA normalmente povoada de uma mulher, desde que não siga a moda dos cabellos curtos, contem uns 80 kilometros de cabello...

"Flor de Liz"

Redactoras — Ophelia dos Santos Porfiga — Secretaria — Aline Rolim — Redactoras — Diversas.

Com permissão da Autoridade Diocesana.

Não assumimos responsabilidade pelos conceitos expendidos nos artigos assignados, pois damos a nossos collaboradores, respeitados o dogma e a moral catholica, ampla liberdade.

ASSIGNATURA

Anno . . . . . 10$000
Numero avulso . . . . 1$000

ANNUNCIOS

Mediante ajuste com a gerencia do «O Rio do Peixe»

Toda correspondencia para a FLOR DE LIZ deve ser dirigida á 1a. secretaria Aline Rolim

ARTE CULINARIA

PUDING DE CHOCOLATE

4 páos de chocolate ralado, 4 ovos, 2 colheres de maizena, 1 chicara de leite, 1 chicara de assucar, 1 colher de manteiga Vae tudo ao forno em fôrma untada. Forno regular.

CARAMELLOS

3 copos de leite, 6 colheres de chocolate ralado, 2 copos de assucar, 2 colheres de mel de abelha 1 colher de manteiga Mistura se tudo, leva-se ao fogo, e mexe-se bem Quando apparecer o flandre do tacho, está no ponto Cortam-se as balas, envolam-se em papel

TIJELLINHAS DE CÔCO

12 grammas. 1 côco inteiro. 400 grammas de assucar, 122 grammas de manteiga. Mexe-se tudo junto e vae ao forno em tijellinhas (de louça) (agath) ou forminhas ou em uma fôrma grande untada com manteiga.

COME E CALA

Parte-se um pão de lot em rodellas e, entre uma e outra, põem-se camadas de geléa, doce de amendoas, passas, ameixas, queijos ralados á creme de chocolate. Cobre-se o pão de lot com massa de suspiro e mande-se ao forno brando.

PUDING PARAHYBANO

50 grammas de manteiga. 7 gemmas e 200 grammas de assucar. Depois de bem batido junta-se com 200 grammas de côco ralada e leva-se ao forno em fôrma untada.

BALAS DE CAFÉ

Mistura se 1 copo de café forte, 1 de leite, 3 de assucar, 1 colher de manteiga, 3 colheres de mel e 1 colher de farinha de trigo, com uma gemma. Leva-se ao fogo e mexe-se até ficar no ponto de bala. Depois deixa-se esfriar sobre uma bandeja. Corta-se.

Por que a

Pharmacia Hygino Rolim

não faz reclame?

Porque deixa recommendar seus numerosos freguezes, o absoluto custo-proveito, semelhante e absoluto cuidado na manipulação e modicidade de preços que tem conquistado e conserva esse bom nome sem precisar de reclame.

O RIO DO PEIXE

Semanario Catholico, de propriedade diocesana

Assignatura annual . . . . . 15$000

COM O FIM DE PROPAGAR AS BOAS LEITURAS, A ADMINISTRAÇÃO DESSE JORNAL VEM MANTENDO UMA SECÇÃO DE LIVROS ESCOLARES, LEITURAS MORAES E MANUAES DE PIEDADE

Encontram-se entre outros:

ADOREMUS (simples, dourado ou encadernação em couro)
GOFFINÉ (simples e dourado)
O DEVOTO DE S. JOSÉ
MEZ DE MARIA, DO CORAÇÃO DE JESUS
NOVENAS DO PERPETUO SOCCORRO, DE S. THEREZINHA

Romances moraes:

Fogo mal extincto — Henry Ardel
Herdeiro do Castello — F. B. R.
Esposos e martyres — Montmeril
A madrasta christã — Monniot
A Caridade conduz a Deus — Archier
E outros

TINTA AQUARELLA, LAPIS, PENNA, PAPEL, CADERNOS ESCOLARES, PINCEIS, PAPEL DE SEDA, POSTAES... TUDO VENDE «O RIO DO PEIXE»

A administração encarrega-se de pedido de qualquer encommenda para as casas editoras catholicas do Paiz, bem como de assignatura de qualquer jornal ou revista catholica

FLOR DE LIZ

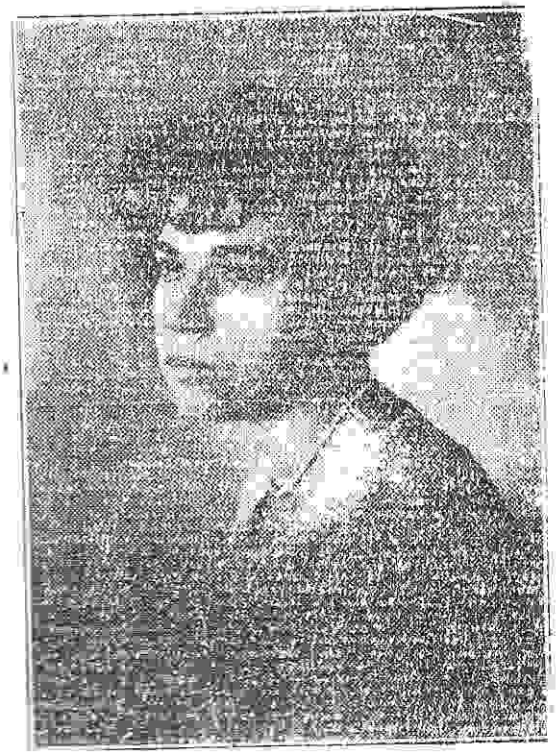
REVISTA
MENSAL
ILLUSTRADA

DA ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA

CAJASEIRAS — PARAHYBA

ANNO I

NUM 11



MADEMOISELLE TARQUINIA ALBUQUERQUE

Officinas Graphicas

do «O Rio do Peixe»

Colombo e a Hespanha

Se a razão dos grandes povos da antiguidade attingisse a um gráo mais elevado de comprehensão do valor de uma conquista, de uma descoberta ou de uma invenção, Colombo jamais luctara até o alvorecer de suas canas, para descobrir um mundo que trouxe riquezas á soberba Hespanha.

Elle nunca imaginara semelhante gloria!

A sua ambição porém, era coroar com o oiro da America a querida Genova. Tanto assim que, apesar de sua ironia, jamais se esqueceu della e nos ultimos momentos, confiando na justiça da corte hespanhola, dotou-a ainda com um punhado dos bens que de direito lhe pertenciam.

Trabalhara em vão para dar as glorias do Novo Mundo a sua amada patria, que embebida naquelles tempos em conquistas mais faceis, de finanças, negou-lhe o recurso necessario.

Portugal—berço da navegação, parecendo filho da Italia negou-lhe tambem a sciencia, o pensamento e taxa-o de phantastico, de visionario.

Na Hespanha porem, em seis annos de lucta, sem amigos e sem credito já, guiado apenas pela generosidade do bom papre J. Perez, Colombo acha abrigo junto aos reis de Castella.

Encontra em Izabel um raio de esperanças. Ella acolhe-o como um enviado do Céo. E como se fora mãe, roga a Fernando protecção para o aventuroso extrangeiro.

Em presença da Corte, expoz Colombo o seu intento e os direitos que lhe deveriam caber como descobridor, tendo por advogado a rainha de Castella.

Descute-se o projecto e o senado, mão grado seu, acolhe o genovez.

Era o dia 3 de agosto de 1492.

No porto de Palos, tres fracas embarcações aguardavam os ventos favoraveis.

A balburdia era medonha. O vozerio se confundia com a brisa que lentamente soprava. Com os olhos fitos no oceano immenso, partiam de toda parte gritos de dor, de conjurações, de odios, contra o extrangeiro que atrahiu as sympathias de Izabel.

Eram as mães, as esposas, as noivas, as filhas, que choravam, que blasphemavam.

Eram os marinheiros obrigados, que gritavam pela vida, prestes a serem tragados no mar

Só Colombo callava. Callava mas não sorria. Resava antes, e pedia a bençam dos Céos.

Eis os ventos propicios;—lá se vão as náos da victoria, em demanda do Atlantico desconhecido, incerto e bravio.

Ninguem é testemunha da presaga maruja Ninguem a ouve. E somente Colombo porque tem fé, espera num poder divino e julga ser escutado.

As queixas dos marujos, o mar esse abysmo inacabavel que domina a terra, as recebe sem comtudo asconsolar e dá-lhes o desengano terrivel dos seres que vão findar.

São passados 60 dias de viagem. Colombo soffre amargamente, pela desesperação e rebeldia dos marinheiros. Elles vêm em Colombo não a figura de um conquistador, mas o phantasma de um louco, o devorador de suas existencias. E por isso o odeiam. Emtanto o sonhador das glorias sem o temor da revolta, fala-lhes com energica segurança e parecendo antes um interprete de Deus, promette-lhes terra.

Felizmente não tardou a sua promessa. E na manhã do dia 12 de outubro, um estampido da «Nina» e um grito «Terra» echoaram pelas vagas encrespadas e desertas do mar e pelo silencio da ilha.

Colombo achara o thesouro para offerar á Hespanha.

E na terra de S. Salvador, faz erguer a Cruz Redemptora e reverentemente curvado, os seus labios balbuciaram a doçura de uma prece de gratidão e amor.

Marcham os dias e com elles as esperanças e as luctas do grande descobridor daquellas ilhas.

Sete mezes são passados sem ter a Hespanha noticia de sua gente.

E quando as esperanças iam já fenecer, eis que surge ao longe a náo de Colombo.

Vinha só, porém as bandeiras que brincavam ao contacto do vento, indicavam o signal da victoria.

Os habitantes de Palos apinhavam-se no porto, anciosos por ver o feliz navegante.

Os reis de Castella não cabem em si de contentes, com a joia que lhes dera Colombo. Promettem-lhe agora um mundo de maravilhas. Juram-lhe não mais se esquecer das suas glorias e dar-lhe parte dos thesouros achados.

Colombo retornando ás suas queridas terras, leva o titulo de Vice- Rei das Indias.

Julgara completar a sua felicidade, offerecendo os seus esforços á causa de seu Deus e da sua piedosa protectora.

Mas os seus dias de [illegible] estavam guardados no cofre da calumnia e da inveja, por elle nunca suspeitado. E semelhante ao Christo, fora vendido.

Por quem? Pelos seus proprios companheiros, pelos homens que com elle se enriqueciam, pelos mesmos reis de Castella.

Só a rainha não teve coração para accusal-o. Forçado ou fingidamente acreditou na sua falsa trahição.

Muito soffreu Izabel, por Colombo, as calumnias dos seus inimigos. E duplicaram-se as suas amarguras, quando a Corte exigiu a assignatura de um documento cassando-lhe os direitos de governador.

A Hespanha que outr'ora acolhera Colombo como a fa-

O que este n. contem

Flor de Liz n. 11

TEXTO:

Colombo e a Hespanha— Aline Rolim.

Benção ma do nosso Episcopado.

Arvore—(versos)—H. Olympio da Rocha.

Notas elegantes.

A missão da donzella— A. S.

A Escola laica — Perillo Gomes.

Como se limpam as vidraças e os espelhos. — Vera A. Pleser.

Generosidade do Santo Padre.

A imprensa do Rio

Limites com o Perú.

Cabellos longos.

O Lar—(Romance) Paulo Kellet.

A saudade na velha arvore—Ricardo Moreira.

Sonetos de Alberto de Oliveira.

Meu rosado (versos) Juvenal Galeno.

ILLUSTRAÇÕES:

Sem

mosa Roma os seus conquistadores, recebia agora o mesmo intrepido marinheiro, com os grilhões de aço com que lhe atou os braços o perfido Bobadilla.

O povo sem distincção de classe, aterrorisado, clamando contra o poder dos reis, indignado com o procedimento do infame subdito, jurou vingar as cadeias de Colombo.

O proprio genovez, ignorando a rude prisão, morre de dor e desgosto, mas sente-se satisfeito por mostrar a Fernando e Izabel o premio que lhe deram.

Velho e doente, já não podia mais suportar as dores de uma ingratidão. Estava livre. Precisava em breve fugir daquella onda de gente que o perseguia. Chorava agora a ausencia de sua patria e desejava lá morrer, descançado em seu humilde leito, feliz em ser humilhado pela terra para a qual, com o suor de seu rosto, ganhara outras terras mais ricas e mais vastas. Os reis o não deixaram partir.

Ficou, por ver em Isabel a mão santa de uma fiel amiga.

Mas Deus, não quer que o extrangeiro gose uma inteira confiança daquella mulher heroina. Deus exige do aventureiro melhores provas de seu amor. E no momento em que mais precisava dos olhos e do amparo de Izabel, Deus a chamou para o tribunal divino.

Colombo, do leito de moribundo, chora a morte da rainha. Sente profundamente e lamenta os destinos de enfermo, privado assim de assistir os ultimos anceios de sua bemfaseja advogada.

Com a morte de Izabel, morrem tambem as esperanças de Colombo. Nada poderia esperar da corte hespanhola, pois tinha já certeza de que a pouca influencia que lá exercia, era producto das fieis promessas de um coração de mulher rainha.

Tudo quanto previra, realisou-se. A sua vida pouco a pouco definhava e as ingratidões da Hespanha ainda mais acceleravam a sua morte.

Sem pão, sem lar, sem leito, sem amigos, resolve-se emfim implorar a Fernando um alivio para suas dores, um recurso para suportar os ultimos dias que Deus lhe concedera. Em vão. A corte está surda. Protela as sua promessas, os seus contractos. Deus, porem, da-lhe consolo. Manda um seu ministpo assistir-lhe as suas agonias. E numa manhã de maio de 1506, talvez na mais humilde cella das ruas de Valadolid, agonisa placidamente um esmoler genovez.

De um canto sahe um abafado soluço que rompe o silencio do estreito recinto onde jazia Colombo. Eram os seus dois filhos Diogo e Fernando que choravam....

A. R.

Por que a

Pharmacia Hygino Rolim

não faz reclame?

Porque disto se encarregam seus innumeros freguezes, conhecedores do escrupulo, seriedade e absoluto cuidado de sua manipulação e modicidade de preços. Quando uma pharmacia conserva esse bom nome 52 annos, não precisa de reclame.

PHOTOGRAPHIA "MODELO"

J. Magalhães.

PROPRIETARIO DESSA PHOTOGRAPHIA TEM O PRAZER DE OFFERECER AO DISTINCTO PUBLICO DESTA CIDADE, OS SEUS SERVIÇOS PHOTOGRAPHICOS, GARANTINDO QUE EXECUTARÁ QUALQUER TRABALHO QUE LHE FOR CONFIADO, COM PRESTEZA, CUIDADO E ASSEIO, PARA O QUE DISPÕE DE LONGA PRATICA.

TRABALHOS NITIDOS, EXPRESSIVOS E INALTERAVEIS POR PROCESSOS MODERNISSIMOS.

PRODUZ COLORIDOS E AMPLIAÇÕES EM TODOS OS TAMANHOS.

PREÇOS CONVIDATIVOS.

FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DA ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA. ❋❋❋ OFFICINAS GRAPHICAS D'«O RIO DO PEIXE».

ANNO I — CAJAZEIRAS—PARAHYBA, OUTUBRO DE 1927 — NUM. 11

BENÇAMS DO NOSSO EPISCOPADO

ATTENDENDO DO MELHOR GRADO Á SOLICITAÇÃO DE UMA BENÇAM PARA A INTERESSANTE *revista* QUE SAE A LUME, COM O EXPRESSIVO NOME DE FLOR DE LIZ, NA SÉDE DO VISINHO BISPADO DE CAJAZEIRAS, COMO ORGAM DA ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA, QUE SE MOVIMENTA NAQUELLA CIDADE SOB A ZELOZA VIGILANCIA DO DIGNISSIMO PASTOR DA DIOCESE, ENVIAMOS A ESSA SYMPATHICA *revista* A NOSSA BENÇAM, E A SUAS OPEROSAS OBREIRAS, ESFORÇADAS PALADINAS DA BOA IMPRENSA, NÃO SOMÉNTE A NOSSA BENÇAM, MAS AINDA OS NOSSOS APPLAUSOS COM OS VOTOS QUE FAZEMOS PELO EXITO DO SEU BENDITO APOSTOLADO.

CRATO, 27 DE SETEMBRO DE 1927.

† QUINTINO, Bispo do Crato.

Notas Elegantes

ANNIVERSARIO

Outubro

Fizeram annos:

Dia 4—A interessante Berenice, filhinha do cel. Lucas Moreira e da exma. sra. d. Julia Moreira.

Dia 8— O sr. Domiciano Pires, esforçado auxiliar do commercio e a exma. sra. d. Florentina Leitão.

Dia 9—A mimosa Maria Julia, filhinha do sr. Otilio Guimarães e da sra. d. Odilia Rolim Guimarães.

Dia 12—A exma. sra. d. Maria Ponchet Bezerra, virtuosa consorte do sr. prof. Joaquim Bezerra.

Dia 14—O revdmo. padre Adonias Villar, zeloso vigario da freguesia.

Dia 16—A graciosa Daura Carneiro, filhinha do sr. Jayme Carneiro e da exma. sra. d. Sinhasinha F. Carneiro.

Dia 19—A senhorinha prof. Alzira Jurema de nossa elite social e dilecta filha do exmo. sr. dr. Victor Jurema, juiz de Direito.

Dia 20—O sr. J. Guilherme, distincto artista desta cidade.

Dia 26—O sr. Gumercindo Sobreira Rolim, auxiliar do commercio.

Dia 26—A exma. sra. d. Zephirina Estrella Carneiro, presa esposa do sr. Amello Estrella; a exma. sra. d. Maria Pallot Lima esposa do sr. Odilon Lima.

Dia 28—O sr. dr. Adriano Brocos competente engenheiro e socio da Usina Santa Cecilia.

Dia 30—A senhorinha Victoria Assis, ornamento de nossa sociedade.

CASAMENTOS

Consorciaram-se no dia 19 em São José municipio de Souza, o sr. Antonio Moreira Oliveira commerciante nesta cidade e a senhorita Maria Libia de Lima.

—Realizou-se no dia 20 o enlace matrimonial do sr. José Pires com a senhorita Maria Olinda Barbosa.

As saias compridas são a nota da actualidade

Os amores velhos nunca são inteiramente despresados e é assim que está voltando o uso das saias compridas. Em Pariz tem causado successo, mostrando-se o mundo feminino encantado com ellas, que apresentam agora uma nova linha e deliciosas fantasias.

Alguns costureiros fazem os novos vestidos empregando o jogo dos «drapes», de surprehendentes effeitos. Outros empregam um laço no lado, deixando cahir um suplemento (draperie) fazendo dobras, a menos que os pannos crusados atraz não formem uma dupla cauda pontuada. A «draperie» flutuante é adoptada, aliás, por quase todas as casas de modas, umas fazendo-a partir dos hombros outros do decote, na frente.

Os vestidos compridos (convem dizer que, por ora, elles são compridos apenas de um lado) são particularmente lindos quando feitos do novo velludo muito brando e ligeiro, por meio do qual podem-se obter alguns lindos effeitos de transparencia.

Esse velludo tem dado a agradavel surpreza de se contemplar, sob o negro do seu tom, o brilho dos abainhados de «lamê» dourado, ou sob o velludo azul, o raio «do lamê» de prata.

Forma tudo isso conjuntos lindissimos e dá prova de grande senso psychologico. Só um costureiro francez poderia realizar esse prodigio, de fornecer á mulher vestidos curtos e compridos, simples e artisticos, ao mesmo tempo. — M. R.

SE OS HOMENS GASTASSEM PARA FAZER BEM AOS OUTROS A QUARTA PARTE DO QUE DISPENDEM PARA FAZER MAL A SI MESMOS, A MISERIA DESAPPARECERIA DO MUNDO.

ALEX. DUMAS FILHO

NADA MORTIFICA MAIS UMA ALMA ALTIVA DO QUE SENTIR-SE INCAPAZ DO BEM.

RÉMUSAT.

A Escola laica

... grande instrumento de ... chamarão social, o que equivale ... dizer: de laicisação social, é ... escola secularisada, é a esco... leiga, fundada, mantida e ... pelo Estado.

Convem antes de tudo, assignalar que o Estado não tem ... direito de ensinar, porque é ... inteiramente extranha ás suas ... funcções a do magisterio — elle ... não é mestre.

O que é conforme aos verdadeiros principios da economia ... é que suas attribuições ... limitem a garantir a justiça nas relações dos homens entre si e a promover o bem temporal da sociedade.

Para fóra toda gestão sua é ... é uma usurpação.

O direito de ensinar originariamente pertence aos paes, no ... se refere ao ensino natural. O pae é o auctor, de um ... de vista estrictamente ... da vida do seu filho.

Sendo, pois, o seu autor, tem ... sobre elle toda a autoridade.

Comprehende-se de passagem que a propria autoridade se origina ... da palavra auctor.

Em vista dessa autoria, tem o direito de querer que seu filho seja como um prolongamento da sua pessoa, isto é: que tenha as suas ideas, o seu modo de pensar sobre as cousas e de agir na sociedade.

E esse direito que elle delega ao professor, em virtude de faltar á criança tempo e competencia para a funcção de ensinar. O professor é, deste modo, um substituto do pae, a sua funcção é, portanto, supplettiva.

O pae rico pode, em qualquer circumstancia, defender esse direito, contratando professores que em sua propria residencia lhe instruam os filhos. O pae pobre, porem, está sujeito a ser coherentado nesse precioso direito, porque é forçado a recorrer ás escolas, isto é, ao ensino em collectividade.

Esta simples exposição esclarece a origem da escola: um accordo entre os paes para entregar á terceira pessoa, de sua confiança, o ensino e a educação da sua prole.

Que esta missão se tem de exercer em conformidade com a vontade dos paes, é cousa que resulta da propria origem da escola e que a litteratura de todos os tempos tem consagrado, mostrando a escola como um prolongamento do lar e o professor como um representante, um substituto dos paes.

Esclarecido o direito dos paes vejamos agora os da Igreja.

Ella tem, por delegação de Christo, a missão do ensino das verdades sobrenaturaes: «Ide por toda a parte, disse Jesus, e ensinae o Evangelho». Os Sacramentos do Matrimonio e do Baptismo collocam a vida da familia sob a direcção da Igreja e lhe conferem a maternidade espiritual sobre a christandade. Deste modo, a sua caridosa vigilancia tem de se exercer tambem sobre o ensino das verdades naturaes, pois que ha erros nesta materia que se poderão reflectir sobre as verdades espirituaes.

Da chimica, da physica, da cosmologia, da astronomia, da geologia, em summa, do ensino das sciencias naturaes e positivas, com exclusão talvez da mathematica, podem-se tirar tanto conclusões apologeticas, como objecções em relação á Fé.

Assim, pois, se comprehende o interesse da Igreja em dar o ensino natural, ou, quando menos, fiscalizá-lo.

Certamente a Igreja deveria ter o monopolio do ensino. Ella, comtudo, não o pleiteia, limitando-se a exigir a sua liberdade. Si a sociedade moderna está scindida por tantas modalidades de crenças, a Igreja reconhece esta situação de facto, não pretendendo violentar o direito dos paes protestantes, dos paes espiritas, etc. de formar o espirito dos seus filhos segundo as suas convicções particulares.

A Igreja transige, neste terreno, para evitar attritos e não se inquieta demasiado com as consequencias de sua tolerancia, porque sabe que, si o ensino de certas verdades sobrenaturaes, explicito em taes seitas, não é sufficiente para levar ao Céo, todavia é fora de duvida que, em muitos casos, é quanto basta para evitar o inferno.

Devemos, pois, deixar bem accentuado que a Igreja não pleiteia o monopolio do ensino: *ella se bate sem nenhuma contestação pela liberdade do ensino.*

Si o espirito dos temerosos modernos e o objectivo das democracias fossem pugnar, de facto, pela liberdade, elles estariam em plena harmonia com a Igreja, amparando-a na luta que vem sustentando, com tantos sacrificios, em favor da liberdade do ensino, que é cousa a tal ponto sagrada que os proprios pagãos respeitavam religiosamente.

Effectivamente, tanto quanto os pesquisadores puderam penetrar no dominio da Historia para estudar a origem e a evolução da escola, chegou-se á conclusão de que o regimen da liberdade do ensino é o regimen tradicional, ainda mesmo na antiguidade pagã, sobretudo em Roma, segundo os testemunhos de Suetonio e de Cicero.

E esse respeito pela liberdade do ensino chegou a ponto de, nas lutas contra o Christianismo nascente, em que os Imperadores romanos porfiavam nos processos de violencia e de crueldade, não haver testemunho autorizado de invasão no dominio da escola.

Na realidade, conhecem-se numerosos professores christãos que soffreram o martyrio naquella epoca e, todavia, nas chroni-

cas não registram que houvessem sido perseguidos por facto de serem educadores ou que as suas escolas houvessem sido objecto das iras de Cesar.

Alem disto, verificou se que, embora existindo, então, o ensino official, eram no emtanto as escolas particulares as mais prosperas, as preferidas.

Sortais, a proposito, relata a historia do sophista Libonius que, tendo sido preterido no cargo de professor de uma escola publica pelas autoridades de Constantinopla, fundou junto a esta um curso privado com tanto successo que o outro ficou sem alumnos. E explicando o caso, dizia: «A este professor nutre o Imperador, a mim são os paes dos meus alumnos que me dão de que viver».

Sortais, citando tambem o *Digesto* (XXVII. I. 6, § 11), prova que os professores particulares tinham do Estado as mesmas regalias concedidas aos professores officiaes.

Só em meado do seculo IV é que o primeiro golpe sobre o ensino livre é desfechado. O Imperador Juliano, cognominado o Apostata, principalmente no seu edicto n. 362, prohibe aos professores que permanecessem christãos, ensinar a infancia.

E' bem notar dois factos importantes aqui: que a primeira violencia que se commetteu contra a liberdade do ensino foi com o intuito de perseguição á Igreja; e que os educadores christãos se associaram para fazer face á nova situação, creando uma litteratura que os libertasse das letras pagãs.

O golpe, porèm, de Juliano não preveleceu por mais de um anno, pois a esse tempo occorreu a morte do tyranno, logo [illegible] a liberdade do ensino.

E' fora de duvida, portanto que o direito de ensino a que se arroga o Estado moderno, não tendo base juridica, philosophica, nem titulo de qualquer especie que possa legitimal-o, tambem não se pode apoiar nem na tradicção nem na Historia.

Esse direito, no que respeita ao ensino natural, como foi dito, é dos paes; só elles, portanto, poderão trasferil-o a terceiros, aos mestres.

E como a transferencia de um direito, de modo espontaneo, implica necessariamente condições, quem é que pode formular, no caso, taes condições sinão o pae que é o autor natural da vida de seu filho?

PERILLO GOMES.

DEVEMOS BEBER ÁS REFEIÇÕES

O homem, de um modo normal, elimina cada dia uma quantidade de liquidos variante entre um litro e meio e dois e tres litros segundo as pessôas. Toda essa agua rejeitada pelas urinas, ou pela transpiração, e ainda em estado de vapor, pela respiração, deve ser naturalmente restituida ao organismo para que este possa substituir em bom estado de saúde.

Os alimentos e as bebidas permittem reparar essas perdas diarias de liquidos. Em o que concerne á absorpção das bebidas, é occasião de se perguntar como convem tomal-as.

Um primeiro ponto é de notar: é que é igualmente prejudicial beber em excesso e beber em pequena quantidade.

A absorpção dos liquidos em grande abundancia, no curso das refeições, tem o duplo e triste resultado de favorecer o desenvolvimento da obesidade e sobrar os digestões mais pessoas, obrigando-as a esforços de mais gastura.

Se pelo contrario [illegible] de que precisam, tambem inconvenientes não menos graves.

O organismo tem necessidade de receber uma quantidade sufficiente de liquido para assegurar a depuração urinaria. Nos arthriticos-reumaticos e nos gottosos, etc se a dose de liquido é insufficiente, os productos de residuo das combustões organicas não são mais levados para o exterior, e accidentes diversos,—accesso de gotta, e crise de reumatismo, colicas hepathicas ou nephriticas—podem resultar.

Para surtir effeito, importa então, eceber uma quantidade de liquido sufficiente.

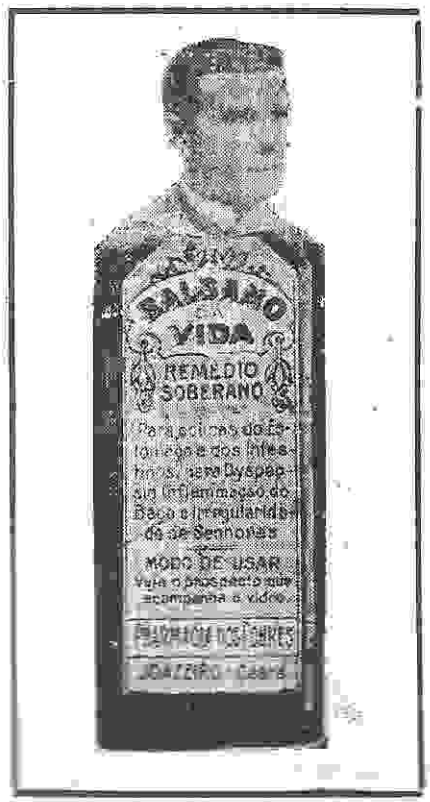
Quanto á maneira de tomar essa ração, que pode variar, conforme as pessoas, entre 1, 2 litros por dia, parece que o melhor meio seja tomar a maior parte de manhã, em jejum, ou á distancia da refeição. Esta, em particular, deve ser uma regra para os dyspepticos, «e de preferencia no fim da refeição».

As bebidas devem ser quentes ou mornas, são calmantes e têm a vantagem de facilitar a digestão.

COM AS CREANCAS

E' muito máo ter a frequeza de nunca contrariar as crianças. Todas as crianças, mesmo as mais cordatas têm as suas inconsequencias, os seus caprichos, que precisamos de contrariar.

E' claro que não devemos contrariar uma criança por habito, tornando-nos desagradaveis e injustos, mas devemos contrarial-as com firmeza, quando seja necessario. Ajudamol-as assim a dominarem se e preparamol-as para a vida.



Como se limpam as vidraças e os espelhos

Não se deixe ninguem molhar as vidraças emquanto o sol fizer nellas, isto evital-as-ia inutilmente.

Comecem por passar sobre o caixilho uma esponja humedecida em agua na qual dissolveram um pouco de potassa. Lavem os vidros com 1/3 de aguardente e 2/3 de agua de chuva ou agua corrente; limpem cada vidro de per si e passem sobre a superficie molhada uma boneca de anil, friccionando em todos os sentidos; por ultimo esfreguem com um pedaço de jornal muito amarrotado. Os cantos merecem mui especial attenção; devem tornar-se tão limpos como o centro do vidro.

Os espelhos adquirem um bello brilho passando-se sobre sua superficie um panno humedecido em benzina. (E' essencial que o panno esteja apenas humedecido, porque si o liquido escorresse até á moldura, estragal-a-ia infallivelmente, bem como o estanho do espelho). Depois friccionem com uma pelle rigorosamente enxuta e macia ou com um pedaço de jornal muito amarrotado.

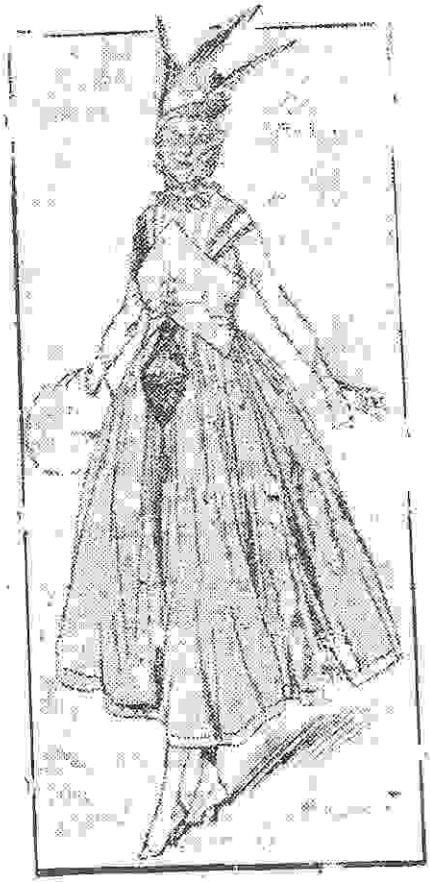
As vidraças, os vidros de lampeões, oculos, telescopios, etc., limpam-se do mesmo modo.

As manchas dão a um espelho um aspecto excessivamente desagradavel; quem não já teve occasião de observar isto? Uma dona de casa bem educada póde remediar, sem se metter em despezas, si pintar sobre a mancha uma flor, uma borboleta, um passaro; deste modo, não só disfarçará o defeito, mas dará ao espelho um cunho especial de graça e elegancia.

Até mesmo um espelho quebrado pode ocultar os ... numerosas ... sob um ... de ... dras, etc., ... boleta, ... de ... ligeiro ... panno velho e muito macio ou, melhor ainda, com uma boneca de algodão em rama. Eis ahi um pequeno serviço que a dona de casa deve fazer pessoalmente, si não tiver uma criada excessivamente cuidadosa.

As moscas são as maiores inimigas das molduras e as cobrem de innumeras pequenas manchas pretas. Para obviar esse inconveniente é conveniente envolver as molduras em gaze. Isto dá-lhe ao espelho um aspecto respeitavel de que antes do desastre.

As molduras douradas dos espelhos, quadros, etc. não supportam a mais leve fricção com pannos humidos. As manchas são felizmente raras sobre estas molduras e a mór parte das vezes é somente a poeira que se tem de tirar. E' preciso tiral-a com um



panno velho e muito macio ou, melhor ainda, com uma boneca de algodão em rama. Eis ahi um pequeno serviço que a dona de casa deve fazer pessoalmente, si não tiver uma criada excessivamente cuidadosa.

As moscas são as maiores inimigas das molduras e as cobrem de innumeras pequenas manchas pretas. Para obviar esse inconveniente é conveniente envolver as molduras em gaze. Isto dá-lhe ao espelho um aspecto respeitavel de que partilha a sala toda. ... dona de casa em ... que cerca sobre as ... douradas uma pa... tin... de verniz ... ou de oleo de louro.

VER. A. PLESER

Generosidade do S. padre

S. Santidade o Papa Pio XI enviou 100.000 dollars para os Estados Unidos, como donativo em favor das victimas das ultimas enchentes do Mississipe e seus affluentes.

A imprensa do Rio

Publicam-se no Rio 321 periodicos, sendo 58 jornaes e 263 revistas.

Dos jornaes 28 são diarios, sendo 1 redigido em allemão, 1 em italiano e 1 em arabe.

Das revistas ha 63 litterarias e artisticas, 46 de medicina e pharmacia, 10 do commercio, industrias e finanças, 17 de educação, 13 de direito, 13 de agricultura, 18 de theatro, cinema e musica, 13 de sports, 17 de engenharia, 9 de religião e 5 de modas.

Limites com o Perú

As nossas fronteiras com o Perú já estão limitadas numa extensão de 1.693 kilometros e 891 metros.

A linha divisoria começa na foz do arroio Iaverizal, affluente da margem direita do rio Acre, no ponto commum do Brasil, Perú, Bolivia. Este ultimo paiz, querendo dar uma prova de fraternidade aos seus dois visinhos, deu á povoação que se encontra no pontal formado pelo rio Acre, o nome de Bolpebra Bol(ivia), Pe(rú), Bra(sil).

A Sciencia sem a Fé, é a donzella morta de que nos falla o Evangelho.

D. AQUINO CORREIA.

ROMANCE

Paulo Keller

O LAR

Traducção autorisada

de

Justino Mendes

CONTINUAÇÃO (VIII)

Raschdorf desejára um proximo adiamento, uma mudança qualquer, seduzia-o a perspectiva de ter muito dinheiro nas mãos. Tambem parecia suspeita ao promotor a declaração de Henrique Raschdorf. Que menino se accusava a si mesmo de um horrivel crime a não ser instigado ou antes arrastado? O menino tinha medo do tribunal; buscava antes defender-se do que culpar-se.

O menino Henrique Raschdorf devera intervir alizando a culpa do pae, mas succedera o contrario. fôra uma comedia infeliz.

Não queria tambem o promotor deixar sem menção o outro incidente da sala do publico. Haviam tomado o partido do réo, e a testemunha principal da culpa fôra offendida ainda mais, accusada. Mas justamente esta testemunha era inteiramente fidedigna. Com o incendio perigára grandemente a propria casa que ficava na vizinhança; accrescia que Schreiber estivera toda a tarde em companhia dos seus freguezes no salão da taberna até o principio do incendio. E este homem que conhecia o réo desde moço, que era seu amigo e muitas vezes o auxiliára nas crises financeiras, não fôra capaz, sob impressão do juramento, de declarar que não podia attribuir o acto a seu amigo, vizinho e devedor. Elle, promotor, pedia aos Srs. jurados que reconhecessem a culpa afim de seguir-se a punição do criminoso.

Ouviu-se um grito de atravessar o coração, e Henrique Raschdorf caiu na sala com os braços extendidos e o rosto contra o chão.

Os capatazes levantaram-o e transportaram-o cuidadosamente para fóra da sala. A Sra. Anna seguiu-o.

Estava pois Hermano Raschdorf só. Nem a mulher nem o filho ouviram o advogado. As allegações d'este consistiram principalmente em que Hermano Raschdorf, o qual possuia uma certa educação nunca podia ser o autor d'um crime tão grosseiramente tramado. Ainda na bebedeira ter-se-hia guardado de perpetrar, logo depois daquellas palavras imprudentes, uma acção da qual com toda a probabilidade devia ser suspeitado. Accrescia que Raschdorf, pelo incendio, peiorara a situação. Elle, advogado, era de opinião que o fogo já fôra posto quando ainda Raschdorf estava sentado na taberna. A defesa não podia invejar ao Sr. promotor a grandeza psychologica.

Acontecia muitas vezes que um homem, a quem se annuncia uma horrivel desgraça, risse ás gargalhadas. Era uma expressão muito mais intensa de dôr do que as lagrimas, pois assim como ha lagrimas de alegria, ha tambem um riso de desespero. E isso era de presumir em Hermano Raschdorf, o qual, pouco antes de annunciado o incendio, dera parte a seu filho da sua ruina imminente e se achava em dolorosa excitação de animo. Ainda mais porém, magoava ao advogado ter o Sr. Promotor denominado uma comedia infeliz o amor filial do pequeno Henrique Raschdorf, que, de maneira tão clara e tocante, se manifestára. Com tanta perfeição não representa seu papel o menino mais bem dotado, não chega a cahir sem sentidos ao saber d'i severa custião em qual julgava lá condemnado o seu querido pae. Ao contrario, recordou muitas vezes que um pequeno na angustia do seu coração se accusava a si mesmo para salvar um ente querido. O idealismo muito se coaduna com a natureza infantil.

—Senhores jurados! Espero com toda a confiança, dos vossos sentimentos de justiça, que não mandareis este homem para a enxovia, por uma simples suspeita, cuja prova de nenhum modo appareceu; que não quereis arrebatar a este rapaz heroico, o pae, a uma senhora tão doente, o marido, a uma propriedade tão estragada, o salvador! Comtudo não appello para a vossa compaixão, appello para a vossa justiça e espero a absolvição do réo.

Os jurados retiraram-se. O sol de inverno resplandecia no salão do jury, uma sineta soou lá fóra e o riso de homens alegres echoou na rua.

E aqui estava um homem cujo destino estava nas mãos de fracos mortaes.

Ao longe um sino bateu surdamente trez pancadas.

—Trez! Vai ver, toma trez annos, murmurou excitada a superticiosa Glase na sala.

—Sinto-me mal—disse a mercieira, e sahiu.

E de novo voltou o silencio pesado. De quando em quando ouvia-se o correr da penna do promotor que ficava indifferente, lia papeis e subscrevia.

Os Jurados voltaram. Não se ouviu um som na vasta sala. Tambem lá fóra havia silencio.

—Os jurados, ao quesito da culpa, responderam negativamente. Hermano Raschdorf está absolvido e deve ser posto immediatamente em liberdade.

Então o homem do banco dos réos sepultou o rosto nas mãos e quasi chorou. Sacudia-lhe as almas um turbilhão, um

[illegible] Berger [illegible]

O caso não [illegible] Amarello [illegible] pelas [illegible] estavam alli [illegible] vam do jury e os Carneiro Amarellos haviam abrigado seus carros e montarias.

Reinava grande confusão de vozes. Todos estavam de rosto vermelho, e até os vagarosos e dorminhocos sentiam-se excitados e falavam muito, ou pelo menos grunhiam muito mais e com mais intensidade do que de costume. O muito calor interno importava em grande consumo de alcool e os pedidos aos copeiros, bem como as saudes, era só o que se ouvia, além o negocio Raschdorf.

Uma associação qualquer passou escoltada por banda de musica. Mas só poucas mulheres chegaram á janella. Para os homens era hoje indifferente esse espectaculo que noutras circumstancias os teria sobremaneira interessado.

Um rapaz criado d'um lavrador, veio annunciar ao patrão que «o cavallo da mão direita estava tão esquisito, que talvez estivesse com dôr de barriga.» Em toda outra occasião, tal noticia seria um signal de alarme para virem todos á estribaria, mostrar cada qual a sua sabedoria e experiencia; «agora o dono teve muito que fazer para persuadir ao cunhado que fossem ver «o da mão direita.»

Era como atafona da grande herdade, que zune, assobia, estrondeia, estala, retine e fumega.

Ha uma voz porém, na casa do lavrador que se eleva acima do barulho da atafona, e é o canto d'um bom gallo; e uma voz havia tambem nesta assembléa que se erguia acima de toda a algazarra; era a do barbeiro.

—O promotor...? é o meu homem! O advogado... aquelle é um judeu! Faz tudo por dinheiro! Mas o promotor applicou bem as bichas! Com seiscentos! O homem não deixou de ver [illegible] qualquer coisa!

Socegaram um pouco mais e o barbeiro poude proseguir.

—Pois quem deve ter sido afinal? Ninguem viu o criado que [illegible] Hein? Vocês [illegible] Eu não. E os da aldeia? Na nossa aldeia não ha incendiarios, e não ha.

Olhe não [illegible] Berger [illegible] admoestou um.

—Quem é que fala no Schreger? Só si fôr o Berger. O aquelle deve saber porque se apega aos Raschdorfs!

A calma foi maior. Apenas alguns deram uma risadinha e a Glasé tentou parecer envergonhada.

O barbeiro retomou a palavra:

—Eu não me alegro com o mal dos outros, mas, quanto ao Berger, foi bem feito. Chegou o dia de apanhar aquella beccarra. Quando fez aquelles versos contra mim: «Segurae a vida, o barbeiro ahi vem»... já estão vocês rindo outra vez... como nessa occasião... Mas a quem é que o Berger deixa em paz? A ninguem! Absolutamente a ninguem! Elle entende que sabe mais do que um camponez. Um trapeiro, um vagabundo! Agora tem tempo de fazer versos trez dias de tempo! O promotor não se deixa mystificar! Agora pode beijocar as paredes da enxovia.

—O barbeiro é um pandego de primeira! disse um dos presentes cheio de admiração.

—Olhem, eu lhes digo, tornou aquelle lisonjeado, se eu tivesse que ser testemunha, sabia outra coisa bem differente; eu sim que fallava, e dava luz áquelles senhores. Mas quando se apresentam bobos como aquelle capataz Reichel...

Todos riram.

—O burro vem fallar no sessenta e seis como se se tratasse d'isso... toda a sala riu se quando deu essa rata. Mas era d'essas testemunhas que o Raschdorf precisava!

—Sim, mas não parecia estar muito a gosto no banco dos réos.

—Ah, naturalmente! Alli perde-se a vontade de pimpar de grande. D'antes nada era sufficientemente bom para elle. Eu não podia cortar-lhe o cabello, nem fazer-lhe a barba. «O sr. me faz escadinhas na cabeça» — dizia elle, e lá ia de carro á cidade e pagava 30 pfennigs pelo córte de cabello. Ora, quem tem tanto para jogar fóra!

—E' um orgulho desmedido, isso lá é — tornou o outro: — quem não tivesse andado com elle na escola não lhe servia para amigo.

—Não, não, não!—E de novo generalizou-se a conversação.

Nisso veio Schreger. Si tivesse entrado o Vigario, não haveria metade do silencio que reinou então.

O tabuleiro olhou desgostoso em redor e caminhou para uma mesa. — Um café e dois vienenezes!—pediu elle.

—Bom proveito, sr. Schreger! — gritou o barbeiro e aproximou-se da mesa.

Os demais prestaram attenção.

—Obrigado, obrigado! — respondeu Schreger laconicamente.

Nesse momento abriu-se a porta e, atraz duma criada que vinha apressada, entrou Henrique Raschdorf. Ninguem reparou na criada nem no rapaz; todos os olhares convergiam para a mesa de Schreger. Henrique parou um momento indeciso, depois assentou-se numa cadeira a um canto junto ao balcão. A mãe trouxera-o para a estalagem quando desmaiára; mas rapidamente tornára a si. Depois alguem trouxera a noticia da absolvição do pae, e então a mãe fôra buscá-lo. O menino tivera que ficar aguardando a ambos.

—Então, sr. Schreger, o sr. está tão calado, — disse o barbeiro, não é por estar zangado!

—E não devia zangar-me? Mas eu processo, eu processo o ladrão! Isto eu não consinto!

—Nem deve consentir. Falavamos nisso. O Berger tem razão de pôr-se ao lado do Raschdorf... o sr. bem que sabe... e o sr. portou-se brilhantemente, sr. Schreger. O promotor riscou-o fóra e declarou-o insuspeito.

—Está claro que não foi elle que esteve o dia inteiro no meu salão. Ou ha algum que me julgue capaz do crime?

Schreger erguera se e circulou o olhar provocador á roda. Vivos protestos romperam então e alguns dos camponios apertaram a mão ao taberneiro.

—Sabemos quem foi,—adiantou o barbeiro,—e ainda que o tribunal o absolva dez vezes, sempre foi o Raschdorf. Os orgulhosos...

—Jesus, o rapaz!

Este grito era duma mulher, e todos então olharam para o canto escuro d'onde sahiu Henrique Raschdorf. Com o olhar

[illegible] como uma fera [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] seus [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] os [illegible] [illegible] [illegible] o [illegible] [illegible] [illegible]-lhe, abalançou-se um pouco, deu um salto [illegible] pelo longo corpo do barbeiro acima e bateu-lhe com o punho de tal sorte sobre a bocca e o nariz, que o sangue correu pelo rosto...

—Eu te mato, barbeiro, eu te mato!

O barbeiro soltou uma praga, gritou, defendeu-se e á custo conseguiu libertar-se. Quiz atirar-se sobre o rapaz, mas o sangue corria em tamanha abundancia e os olhos lhe choravam tanto, que teve de correr para o pateo.

Os demais estavam paralisados de surpresa.

Henrique Raschdorf tremia no meio da sala.

—Si alguem repetir isso... de meu pae, eu bato-lhe do mesmo modo!

Alguns resmungaram, outros riram baixo.

—Meu pae foi absolvido... é innocente... o tribunal o declarou e vocês devem acreditar!

Ninguem boliu. Henrique sentiu lagrimas nos olhos.

—Ha alguem que não creia na innocencia de meu pae?—perguntou sentindo-se desfallecer.

Nem um som se ouviu na sala.

—Mas elle é seu companheiro; devem acreditar. — E seu tom era supplicante.

Um murmurio contrario ergueu-se então.

Não se seguiu nenhuma exclamação amigavel. E Henrique Raschdorf rompeu num pranto amargo e raivoso.

—Então... então... são uns tratantes!

E antes que os homens ronceiros se erguessem invectivando, para castigar o rapaz, Henrique Raschdorf havia desapparecido.

* *
*

[illegible] longo dama tua solitaria [illegible] um homem indi[illegible] [illegible] [illegible] mu[illegible] [illegible]

[illegible] [illegible] ao [illegible]

[illegible] do pae, mas não

[illegible] lhe deu a mão. [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

—[illegible] [illegible] si [illegible]

[illegible] Raschdorf [illegible] o impeto do momento.

—Não, Henrique, não [illegible]

Então o menino respirou [illegible] funda e largamente, tomou a mão do pae e beijou-a.

Caminharam os tres até fóra da cidade e esperaram a chegada do capataz que os levou no seu vehiculo.

Nem uma palavra foi pronunciada durante a longa viagem. A noite descia, quando chegaram em casa. O dono da herdade lançou um longo e timido olhar para os edificios de-

ALMIRANTE CUSTODIO JOSÉ DE MELLO

teriorados. E uma rajada de vento frio passou por cima das ruinas e veiu bater no rosto do lavrador como uma gelida e terrivel sentença.

* *
*

—O Raschdorf foi absolvido —disse o barbeiro, voltando para casa.— Mas eu me vingo delle, e aquelle canalha do rapaz me paga! Este nariz tambem a toda hora está pondo sangue! Mas Sião tinha-o esganado! Mas o velho vae para a cadeia, ainda que pague dez judeus. Não descanço até que tudo appareça e elle vá para a cadeia!

E posto que o malvado turvador de aguas não pudesse realizar a sua ameaça, fez coisa peior. Sua profissão levava-o de casa em casa, e em cada uma roubava elle aos Raschdorf um pouco daquelle solo sagrado sobre o qual unicamente deve-

mos estabelecer o nosso lar— [illegible] [illegible] [illegible] da sociedade.

Quem não possue herdade nem um palmo de terra, póde ainda possuir um lar; mas aquelle a quem seus concidadãos negam um logarzinho de terreno lireal em seu coração, esse não tem lar nem patria.

VI

Era dia de anno bom. Annos ha em que o tempo assenta-se mudo e somnolento á nossa lareira a fiar seus tristes fios de todos os dias, de maneira que nem reparamos como primavera e verão se escoam sem cessar, e nós mesmos envelhecemos sem vermos coisa que nos interesse. Ha, porem, annos tambem em que o tempo se agita e revira como uma mulher inconstante; destróe e edifica, empurra, puxa, altera, pendura novos quadros em nossas paredes e planta novas flores a nossas janellas, impelle gente para fóra e introduz gente nova, e afinal nos apresenta um lar que não reconhecemos.

Um anno destes é que veiu para a herdade das Faias.

Começou com o dia de anno bom. Schreger tinha entrado no quarto e soubera do Raschdorf que este não consentia mais em seu vizinho o tratamento familiar de «Germano» nem o de «você».

—Então tambem não [illegible] assento,—disse Schreger erguendo-se, apparentemente offendido.

—Declaro-lhe apenas laconicamente que reclamo os 20:000 mil reis. Depois escreverei uma carta dizendo que ainda tenho outra testemunha. Adeus!

Raschdorf ficou impassivel e não disse palavra. Schreger caminhou vagarosamente para a porta.

Voltou-se ainda uma vez e lançou a Raschdorf um olhar interrogador. Aquelle, porem, permaneceu absolutamente impassivel. Então Schreger sahiu do quarto. Uma hora depois um criado trouxe a reclamação por escripto e deu-a pessoalmente ao lavrador. Terminavam o escripto, além da assignatura de Schreger, as palavras: Testemunha, Ernesto Kiedel, proprietario. O lavrador tornara-

[illegible] Raschdorf [illegible] palavra [illegible] não falla[illegible] mais, mas tambem não se queixava. Timido e acatado arrastava os seus dias. O gado, que illára alojado na aldeia em casa dos camponezes, tinha o vendido. Não queria favores.

Assim, pois, era um lavrador que não possuia mais uma vez nem um cavallo, e cujas celleiros e estabulos jaziam em ruinas.

E á tarde deste dia de Anno Bom chegou um mensageiro trazendo da aldeia uma citação por cinco mil marcos e além do nome do credor havia outro, assignado como testemunha.

O lavrador lançou um olhar demorado para a taberna em frente; sabia quem lhe arranjara esta segunda carta.

A' noite a familia estava réunida. Noutros annos, na noite de Anno Bom accendiam se mais uma vez as luzinhas da arvore do Natal. Este anno havia-lhes esquecido enfeitar um pinheiro.

Assim é que o relogio, com seu tic-tac, marcava melancolicamente as primeiras horas do Novo-Anno. Um cartão estava sobre a mesa. Um estrangeiro de uma cidade longinqua felicitava o lavrador pela entrada do Anno Novo. Era o unico que mandara um cartão de felicitações.

Umas poucas de vezes tentou a senhora doente encetar conversação. Raschdorf deu-lhe respostas distrahidas e contradictorias. Fitava sempre, pestanejando, a luz da lampada e depois relia o cartão—o cartão de felicitações... pela decima vez.

Tambem nos commodos da criadagem reinava a tristeza. O João dormia sobre um banco; o pae delle fumava, e de vez em quando olhava em silencio para o rapaz.

Junto ao fogão estavam duas jovens criadas, chorando e maldizendo.

O dia seguinte era dia de mudança geral. Para, fóra logo cedo a debulhar as seus em [illegible]. O [illegible] Anno Bom [illegible] bons [illegible]

Além do trote das Faias, porem, havia muita animação, e o barbeiro, que já estava entre as dez e as onze, clamava com muita bulha acerca do tribunal e do promotor, o declarava que Raschdorf devia mudar se dalli.

O dia dois de janeiro era dia de mudança; muitos carros grandes moviam-se rumorejando pela aldeia: iam buscar os novos criados e criadas.

—Neste «ultimo dia» é costume, os creados embebedarem-se. E' dia de festa para elles. Bebe-se por despedida, contrahe-se nova amizade, e mais de um que se despede da aldeia vae buscar animo na aguardente, e a saudade que no outro dia o ha de affligir augmenta ainda a resaca da carraspana.

NOSSA DILECTA COMPANHEIRA, PROFESSORA SENHORINHA FORTUNATA ASSIS, CUJO NATALICIO PASSOU NO DIA 14 DESTE, ENTRE NOSSOS MELHORES VOTOS DE FELICIDADES.

O taberneiro Schreger fazia bons negocios. Tambem sabia lidar com a gente; era um homem social, batia familiarmente nas costas dos criados e conversava com qualquer criado de estribaria; tambem escutava e indagava muito, sabia tudo e orgulhava-se de ser tão popular.

Mas ella seguiu seu caminho.

Mathias Berger, o trapeiro. Transformara seu carrinho num trenó, pois os caminhos estavam cheios de neve, e ainda nevava lentamente.

Passou rapidamente pelas duas herdades das Faias. A' direita, onde se avistavam as ruinas, havia muita cousa que elle amava e á esquerda, onde os negocios floresciam, muita cousa que elle odiava.

A 28 de dezembro devia ter-se apresentado ao juiz de paz. Mas guardara-se bem disso. Que Schreger o accusasse no tribunal ás direitas, si tinha coragem. E se fosse outra vez preso?

Ah, por uma injuria não se vae preso, paga-se uma multa! E dinheiro não faltava ao Mathias... tinha muito, muito mais do que o povo imaginava.

Roia-se por dentro de ter tomado tres dias de prisão. Por toda a festa do Natal não visitara pessôa alguma; alegrava-se agora de poder partir.

—Preso! Fôra preso! Era uma palavra horrivel. Fôra o unico que, em consequencia do incendio, soffrera punição juridica.

Nisso ia pensando o Mathias ao passar na beira da matta com seu trenó puxado pelo cão. E parou e tirou do bolso um jornal onde estava escripto que um redactor tomára seis mezes de cadeia, por ter dado sua opinião. E verificara, depois que essa opinião era acertada e que o preso fôra um martyr. Esta folha era o consolo de Berger.

Leu a mais uma vez e disse comsigo que sempre era uma bella cousa soffrer pela verdade. Ainda quando o povo tem alguem na conta de um biltre!

Então, ainda mais! Apenas é preciso não perder-se, ser forte e animoso... Nisso... um tiro!

Ao mesmo tempo um grito desgarrado sahido do matto.

—Jesus!

Berger estremeceu como si o tiro o tivesse ferido, empallideceu e encontrou se tremulo ao seu trenó. O cão rompeu em furiosos latidos. Que fora aquillo? Para quem era o tiro? Que era aquella voz?

Berger reanima-se e solta o cão.

—Busca, Plutão, busca!

E ambos saltam a sargeta e

[illegible]

Pouco tempo decorrem... e encontram... ao pezo da sua [illegible]

Contra um pinheiro pa[illegible] com o pello ensanguentado [illegible] a elle vae se deve a [illegible] guarda de caça.

—Raschdorf! Grande Deus!

O gandaleiro curva-se sobre o ferido. Este não move uma palpebra.

—Raschdorf! Germano! Volte a si! Volte a si! Volte a si!

Mas elle jaz com olhos vidrados e apenas solta um pesado e horrivel estertor.

Berger treme no corpo todo. Arranca depois ao ferido, paletot, collete e camisa, e vê o sangue jorrar de um sem numero de feridinhas. Então pega num lenço limpo e ata-o por meio dum barbante por cima das feridas.

Em seguida levanta-o e, por um esforço sobrehumano, leva-o até a estrada. Ali depõe-o sobre a neve e vae buscar o pequeno trenó. Deita nelle o ferido e vagarosamente volta para a herdade das Faias. E o cão marcha ao lado cabisbaixo pois vê que o seu amo chora e sente que é um trajecto triste e sem egual.

O orgulhoso lavrador das Faias é conduzido no pobre trenó do gandaleiro e junto delle vae a morte, companheira sombria, camarada assustadora, a quem a surda detonação da espingarda evocára num momento. Ainda caminha ao lado do lavrador sobre a branca neve; mas brevemente tomará o commando e seguirá com aquelle os seus caminhos.

Lá embaixo na aldeia cantam uns criados:

Adeus, oh cara Patria,
Oh cara Patria, adeus!
Partimos para longe,
Oh cara Patria, Adeus.

Mathias Berger diz comsigo mesmo commovido:

—E' dia de mudança!

A' tarde Raschdorf torna a si por segundos:

—Raschdorf, pelo amor de Jesus Christo, arrepende-te dos teus peccados.

E o ecclesiastico, que estava junto ao leito, apresenta-lhe o crucifixo.

Raschdorf [illegible] olhos vidrados, sem nada contemplar como para chorar e elle ler um [illegible] para bellar [illegible] Não tornou a perder os sentidos.

—Por esta santa unção e por sua grande misericordia Deus te perdôe tudo.

Por volta das quatro horas Germano Raschdorf estava morto.

Encostavam-se ao peitoril duma janella a senhora Anna e o Henrique. Conservavam-se estreitamente abraçados. A tarde invernosa pesava sobre a campina, e por sobre a floresta coberta de neve, o sol, pallido, caminhava para o occaso, o longinquo sol que não obstante está infinitamente mais perto de nós do que as almas que falleceram.

Com o rosto pallido e immovel contemplava d. Anna o fulvo resplendor. Breve tambem seguiria tambem ella a longa viagem o menino, a quem amava, ficaria só, sem pae e sem lar. Volvidos muitos annos porem, quando tambem elle se finasse, se tornariam a vêr.

São estas as horas em que Deus fala aos homens; Elle, que tem consolação e paz para os afflictos, quando o mundo e toda a sua sabedoria e toda a sua consolação se mostram impotentes.

* * *

Pela aldeia corria o boato!

—Raschdorf suicidou-se! A consciencia não lhe dava descanço!

Berger tinha-se encarregado de arranjar carregadores para o enterro. Geralmente lavradores são carregados para a sepultura por lavradores. Mas o primeiro lavrador, a quem Berger pediu esse favor, disse que não tinha tempo, e o segundo declarou que estava com influenza. Então Mathias Berger cuspiu diante do portão, foi á cidade e encommendou um carro funebre juntamente com o pessoal necessario. Sahiu caro mas compareceram todos pontualmente.

—Dinheiro é coisa bôa.— dizia com os seus botões o bom philosopho,—muitas vezes merece mais confiança do que o amor.

A cinco de janeiro foi o enterro. Centenas e centenas de espectadores enchiam o cemiterio. O sacerdote pronunciou as [illegible] do costume. Depois devia seguir-se a allocução funebre. Todos os olhos pendiam da bocca do padre.

Em voz clara disse este:

—Rezemos mais um Padre Nosso pelo defunto e por todos os que aqui descançam com elle.

E nem uma palavra mais. Logo depois do Padre Nosso o ecclesiastico retirou-se. Nem siquer fez o agradecimento de costume pelo acompanhamento. Mathias Berger, afóra a bençam da sepultura, tinha dispensado tudo o mais em nome da familia, até o agradecimento.

A gente que lá ia, disse Berger, ia por curiosidade e não por compaixão. E curiosidade era coisa que ninguem agradecia.

Uma grande desillusão apoderou-se dos que haviam tomado parte no enterro, e os homens procuraram compensar-se em alguma coisa e foram para a taberna.

Ali então fizeram-se muitas orações funebres ao defunto Germano Raschdorf.

* * *

Alem, na herdade das Faias uma pequena roda de gente deliberava sobre o futuro: D. Anna, Henrique, o velho cantor, o capataz e Mathias Berger.

E tambem o trapeiro pronunciou uma pequena oração funebre:

—Henrique, si alguem um dia lhe disser: Seu pae suicidou-se, responda: Sim, suicidou-se, mas se foi de proposito ou si foi uma desgraça, só Deus o sabe. Si alguem, porem lhe disser: Seu pae poz fogo na sua casa, cuspa-lhe na cara porque é a maneira mais diabolica do mundo. Aquelle que poz o fogo ainda ha de apparecer á claridade do dia. E vou dizer mais uma coisa: A herdade das Faias fica para o Henrique. Não ha de ser vendida.

D. Anna olhou tristemente para Berger.

—A herdade tem de ser vendida... e já! Schreger reclama os seus vinte mil marcos e o moleiro seus cinco mil. Agora ninguem nos empresta, em ultima hypotheca, cem talers.

Berger acenou com a mão ne-

gativamente.

—Deixe-me falar ao Rudorff, a quanto montam as dividas?

—100.000 marcos.

—Bem, e a herdade vale . . . 150.000 pelo menos.

- Agora já não! Agora não vale nada. E não tem gado nem instrumentos de lavoura, as dependencias foram incendiadas. Quem sabe si apenas nos livramos das dividas vendendo tudo e ajuntando ainda o dinheiro do seguro?

A senhora extendeu desanimada ambas as mãos sobre a mesa. Mathias Berger teve vontade de a consolar acariciando-lhas, mas conteve-se. Fez antes um ar de colera.

—Agora não vale nada? Bom! Então não será vendida. Seria triste. E agora vou dizer tudo. Não se assustem. Eu lhes empresto o dinheiro.

—De quem?

—De quem? Meu! Eu sou quem empresto. Empresto 10000 talers.

Fitaram-no sem comprehender.

—Mas a quem os pede?

—A ninguem. Pois eu tenho dinheiro.

—Não caçoe hoje, Mathias—pediu o cantor.

D. Anna e Hénrique abaixaram os olhos consternados, e só o capataz grunhiu um pouco, divertido. Então Berger tomou a palavra:

—Nesse caso vou contar-lhes primeiro uma pequena historia. Ha casos maravilhosos na vida. Assim, um bello dia, fazem já seis annos, estava eu numa venda de Waldenburgo. Entra o Schreger. Va, nesse tempo da vamo-nos mais e conversava muito commigo, porque um trapeiro sabe muita coisa que os outros não sabem. Pois, como ia dizendo, o Schreger se assentou commigo. Estava meio tonto. Sobre a mesa havia um copo com dados.

—Que tal um grosso de Berlenda?—disse elle, e foi dizer sete.

Eu não quiz fazer bulha. Fiz dezeseis e paguei dez pfennigs.

—Desforra—disse Schreger e ganhou tres.

E eu disse-lhe: Joguei arte e ganhei mais dois pfennigs. O Schreger gostou, começou a cantar e sempre pagava eu o grosso até fazer um marco.

—Quer, Berger? vamos arriscar um cabrito: joguemos cinco grossos duma vez. Si dá, deu.

—Si dá, deu—repeti, e casei quinze pfennigs, pois tambem eu estava um pouco tocado.

Então elle joga dezeseis e eu dezoito; e assim continuou até eu lhe ganhar cinco marcos e quinze pfennigs. Ahi elle ficou furioso. Poz o gorro e foi-se embora. E' claro que não achei mão o negocio. Pedi um delicado churrasco de 40 pfennigs e mandei dar dez pfennigs de ossos a meu cachorro na cozinha. Em seguida sahi. Andando depois pela cidade, leio um grande cartaz: Loteria de Marienburgo. Grandes premios. Por 3 marcos. Eu encostei-me no meu carrinho e devagar fui aprendendendo de cór o tal cartaz. E como eu conforme já disse, não estava muito bom, entro e compro um bilhete, com o cobre do Schreger, naturalmente. Quando sahi, o cachorro me fitou como se quizesse dizer: Toleirão! Que quantidade de churrasco e de ossos não teriamos nós com esse dinheiro! Mas, emfim, o negocio estava feito. E para que ao menos resultasse alguma coisa de real do lucro que tivéra, comprei, com os dois marcos que ainda me restavam, uma boneca para a Elisa. Pois, querem saber?... Passadas quatro semanas, eu recebia com meu bilhete 30.000 marcos, o terceiro premio!

—Berger! Não é possivel!

—Será verdade, Mathias?

Todos estavam como que electrizados. Berger sorria.

—E' verdade. E eu recebi o cobre todo sem novidade. Mas, não o procurei em Waldenburgo; fui a Berlim, pois não queria fazer barulho.

—E' incrivel!

—Mas é verdade! Com esse dinheiro comprei papeis. Quatro por cento! Fiz mil e duzentos marcos por anno de juro. Esses poupei quase todos. Agora montam a uns 7.000 marcos. Não disse nada a ninguem. Nem minha irmã sabe nada nem a Elisa?

—Mas porque . . . porque occultou isso?

Berger abaixou os olhos.

—Ora porque! Os srs. têm ouvido e lido muitas vezes que alguem, tido por um pobre diabo, era na realidade um Creso em miniatura. Em mais de um mendigo tem-se encontrado ouro e prata debaixo dos farrapos. Ha desses engraçados. Commigo acontecia o mesmo. Mas não era só isso. O dinheiro vinha muito tarde. Dez annos antes devia ter vindo, quando era mais moço. Então o teria precisado.

Os demais olhavam para elle sem comprehender: apenas d. Anna abaixou a vista.

Berger esforçou-se de novo por tomar um tom mais alegre:

—E afinal não fica bem a um trapeiro ser rico. Eu me vexava. E queria continuar gaudaieiro. Gosto de andar pelo mundo a ver gente. Não é tão enfadonho. Todo o dia ha alguma novidade. E a profissão me dá de comer. Por iseo tambem não precisei do dinheiro. Sempre pensei que uma loteria assim era uma tolice. Sempre ganha quem não precisa.

Todos calaram-se. Os olhos de Berger commeçaram a brilhar.

—Mas agora dou graças a Deus de ter esse dinheiro. Agora tenho emprego para elle.

—Berger, você não pode . . . você não deve empregar esse dinheiro numa coisa tão incerta . . .

Faço o que quero! Empresto . . . acabou-se! A coisa está muito bôa. O Schreger e o moleiro pagam-se, ficam 85 000 marcos de divida. E apenas metade do que vale a propriedade. Ficam ainda 5000 marcos com o dinheiro do seguro, para recdificar convenientemente tudo. E si eu morrer, a Elisa e minha irmã tem ainda 7.000 marcos. E' muito dinheiro. E ainda têm ellas a hypotheca.

—Berger, parece-me um conto da carochinha!—disse o velho cantor.—Mas deve pensar em sua filha.

—E penso. Fica tudo para ella, pfenuig por pfennig. Si não fosse negocio seguro não emprestava. Eu estou até avarento depois que tenho esse dinheiro! Mas é seguro.

—Não poderemos acceitar, Berger.

(Continúa)

A saudade da velha arvore

Ha, para recreio das alumnas no muro do predio da escola feminina desta cidade, uma tamarindeira annosa e cheia dessa magestade propria das arvores seculares. Alta, grossa, de compacta ramificação e de uma frescura admiravel.

Quando as creanças vêm em Fevereiro, contentes como os passarinhos nas manhãs primaveris, encontram a velha arvore viçosa e louçã como gottas de orvalho sobre petalas de rosa nas serenas madrugadas.

Dizem as creanças comsigo: é aqui sob tua verde e maravilhosa copa, que temos o nosso momento de repouso, ouvindo o gorgeio dos passaros que sobre teus galhos balançados pelo vento, vêm fazer seus ninhos e cantar suas lindas canções matinaes,

Depois, no correr do anno lectivo, a bondosa arvore como solicita matrona fecunda e dadivosa, se faz flores e fructos. As creanças toucam-se das flores e deleitam-se com os deliciosos fructos. Mas, quando chega Setembro ardente, a tamarindeira sentimental começa a entristecer-se, deixando cahir as folhas amarelleicidas. Como estas relvas murchas que vivem em cima de rochedo, a meiga arvore move com frequencia seus galhos na melancolia, e o vento forte e violento arrasta tudo na sua colera. Em Outubro e Novembro já não se encontra sinão a desolação da solitaria e magestosa arvore.

—Não será que em Fevereiro a velha tamarindeira sente-se novamente jubilosa, palpitante de suas queridas pupillas, de seus passarinhos gentis, e por isso é verde como uma esperança?

—Não será que em Setembro começa ella a pensar nesta despedida de breve e por isso é triste como estas velas que vivem de chammas moribundas, como uma espectativa em vão!

—Não será que em Novembro ella é realmente o symbolo da solidão, estiolada e por isso se faz o aspecto da saudade?

—Velha arvore, conta ao menos que muitas dessas creanças te levam no coração e que pela brisa prazenteira que passa, enviam-te um osculo de amor sem igual, que ainda figuras, bôa e generosa, nos seus sonhos e vives na sua saudade.

Quando diariamente, passo por junto da velha arvore, em busca do meu ideal, eu me pergunto si as arvores não abrigam sentem coração como a gente e si os das arvores não serão mais sensiveis que o da gente.

Cajazeiras, 11—6—25

ANTONIA MARIETTA

SONETOS

DE

ALBERTO DE OLIVEIRA

AGUA LUSTRAL

Lá no pincaro azul da serrania,
Ao pé das nuvens, ha uma fonte pura,
Onde, antes de subir do Céu á altura,
E' costume banhar-se a nevoa fria.

Sae então, como sae a luz do dia,
Limpida e nua; eleva-se e mistura
Dos transparentes arcs á brancura
Sua brancura casta e fugidia.

Assim tambem, quando o fatal momento
Chegue, alma peccadora, de mais bella
Região buscares, na ascenção extranha,

Sejam-te preces e arrependimento
Agua em que os erros laves, como aquella
Em que se lava a nevoa da montanha.

NO ALBUM DE UMA POETISA

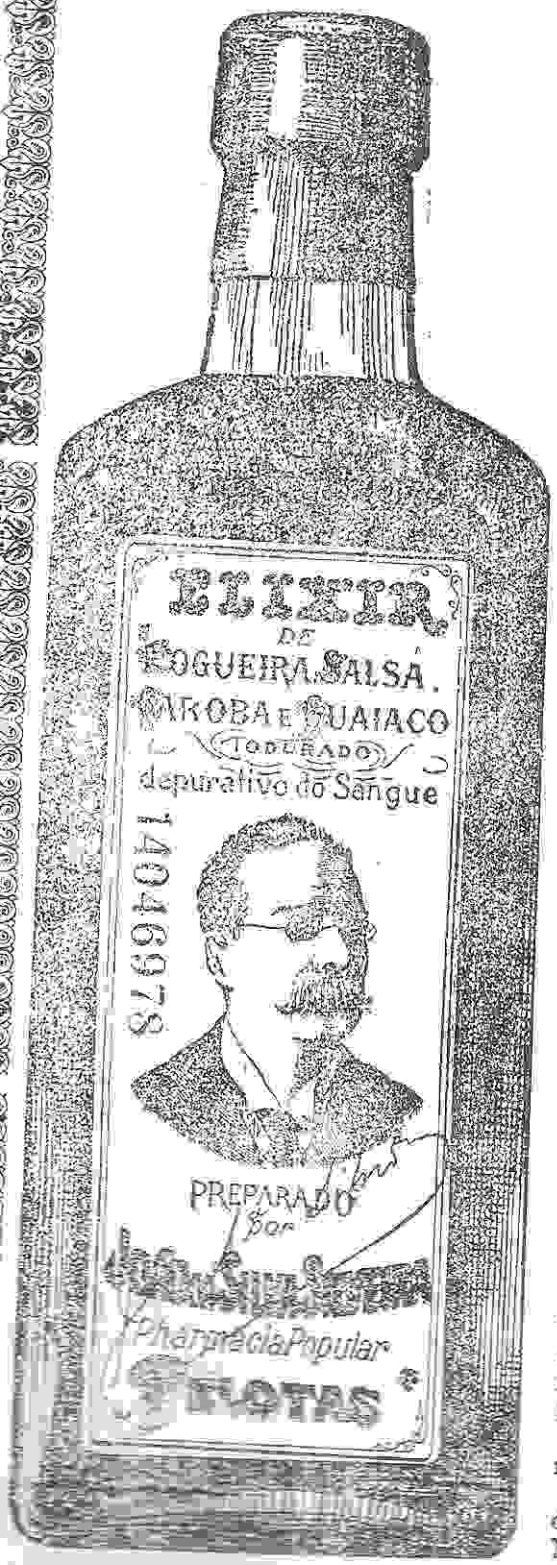
Deixa, nadando, o cysne a penna leve
Que o gyro delle á flor da agua recorda,
Folhas e espumas—o rio que transborda,
Lume de espelho ao sol—fundida neve.

Deixa o perfume a flora a alguem que a leve,
Som, que é soluço—da harpa a tensa fourda.
Rastro de luz—a aurora, quando accorda,
E a mão de Rosalina, quando escreve.

Aqui te deixarão rimas e flores,
Sorrindo-te rivaes, outras Camenas,
Pinceis, pennas, e lapis, á porfia...

Eu, que já vou perdendo, com os annos
Perdidos, arte e gosto, deixo apenas
Estes quaesquer versos sem poesia.

Elixir de Nogueira



JOÃO DA SILVEIRA

PHARMACEUTICO-CHIMICO.

SOFFRIA HORRIVELMENTE

JÁ TINHA PERDIDO O CÉO DA BOCCA

Eu, abaixo assignado, soffrendo muito de HORROROSA ENFERMIDADE, a ponto de perder por completo o CÉO DA BOCCA, não hesitei em tomar o Rei dos Depurativos do Sangue ELIXIR DE NOGUEIRA, do Pharm. Chim. João da Silva Silveira, pois o estado desesperador em que me achava só poderia ser combatido com esse extraordinario depurativo, o unico, estou certo, que cura radicalmente a syphilis e suas terriveis consequencias; por mim posso julgar.

Antes de usar o santo depurativo, me via privado do meu labor honesto, de servente de pedreiro, ao passo que hoje sinto-me forte, alimento-me optimamente, graças a Deus e ao grande ELIXIR DE NOGUEIRA.

Trabalho sem sentir mais nada e como se nunca tivera estado doente.

Assim, pois, serei sempre grato ao immortal descobridor do afamado e popular ELIXIR DE NOGUEIRA.

PELOTAS (Rio Grande do Sul), 25 de Dezembro de 1917.

A rogo de MARCOLINO DIAS, por não saber lêr nem escrever, *Joaquim da Silva Fagundes.*

Firma reconhecida (Vide do livro)

Typ. [illegible] do Brasil, Republicas Sul-Americanas e Europa [illegible] Rua [illegible]

AVISO

Lundgren & Companhia Limitada,

OS MAIORES IMPORTADORES DE FASENDAS NO NORTE DO BRASIL, AVISAM AS EXMAS. FAMILIAS DE CAJASEIRAS E AO POVO EM GERAL, QUE NESTES DIAS SERÁ INAUGRRADA, NESTA CIDADE UMA FILIAL DE SUA FIRMA DENOMINADA

"A PERNAMBUCANA"

PARA VENDER TECIDOS PELOS PREÇOS DE SUAS GRANDES FABRICAS

"Paulista" e "Rio Tinto"

NESTA LOJA QUE SERÁ INSTALLADA NO PREDIO ONDE NEGOCIOU O CORONEL SABINO ROLIM, AS EXMAS. FAMILIAS ENCONTRARÃO TODAS AS QUALIDADES DE TECIDOS INDISPENSAVEIS PARA O USO DOMESTICO, COMO TAMBEM ARTIGOS FINOS DE SEDA E FANTASIA, BRAMANTES DE TODAS AS LARGURAS, MORINS INGLEZES, VOILES DE TODOS OS TYPOS E FINALMENTE TODOS OS TECIDOS NECESSARIOS A RICOS E POBRES, A PREÇOS AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS

AVISAM tambem que os preços da "A PERNAMBUCANA" são ABSOLUTAMENTE FIXOS e iguaes para todos sem distincção de classe, não sendo permittido ao empregado vender por um REAL a mais do estabelecido na tabella fornecida por sua CASA MATRIZ, em Fortaleza; para isto serão affixadas, em logares visiveis da loja, tabellas de preços para que todos possam verificar se o empregado está cumprindo as ordens da casa; em caso contrario qualquer freguez poderá chamar á attenção do gerente da loja para que este tome as providencias necessarias.

TENDO CERTEZA DE QUE «A PERNAMBUCANA» TRARÁ GRANDES BENEFICIOS Á POPULAÇÃO DESTA CIDADE, ESPERAMOS MERECER A ESPECIAL ATTENÇÃO DAS DISTINCTAS FAMILIAS E DO POVO EM GERAL.

LUNDGREN & CIA. LIMITADA.

"Flor de Liz"

DIRECTORA—OBILIA DOS SANTOS FORMIGA.—SECRETARIA—ALINE ROLIM.—REDACTORAS—DIVERSAS.

Com permissão da Autoridade Diocesana.

NÃO ASSUMIMOS RESPONSABILIDADE PELOS CONCEITOS EXPENDIDOS NOS ARTIGOS ASSIGNADOS, POIS DAMOS A NOSSOS COLLABORADORES, RESPEITADOS O DOGMA E A MORAL CATHOLICA, AMPLA LIBERDADE.

ASSIGNATURA

ANNO . . . . . 1$000
NUMERO AVULSO . . . 100

ANNUNCIOS

MEDIANTE AJUSTE COM A GERENCIA DO «O RIO DO PEIXE».

TODA CORRESPONDENCIA PARA A FLOR DE LIZ DEVE SER DIRIGIDA Á 1a. SECRETARIA ALINE ROLIM

O MEU ROÇADO

Que bello está! Feito em regra.
Bem limpinho, bem plantado,
Algum milho e feijão verde
Vae-me dando o meu roçado:
Já tirou-me dos apertos
De quem trabalha alugado.

Outro sou com meu roçado...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Bem a Joanna me dizia
Nas horas de privação:
—«Homem, faz um roçadinho,
«Planta arroz, planta feijão,
«Que esta vida de alugado
«Ao pobre não serve, não!»

De Joanna tomo o conselho...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa.
Agora vejo a fartura!

Duzentos passos de terra
Arrendei para o roçado,
E empurrei no matto a foice,
E depois de broqueado,
Fui á derrubada e pival-o
Espanando o meu machado!

Suei muito... mas qu'importa?
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Quem o milho fez a roça
E assoberbado derrubou-a,
Perdeu fogo... que barraca
Não monta em terra virgem!
Para chamar os colonos
E' mistér ter roça feita.

Assim fiz o meu roçado...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Vindo que fosse o inverno,
Plantal-o fomos um dia,
As covas eu preparara,
O resto Joanna fazia,
Punha a semente, e de terra
Com seu pé a cova enchia.

Plantámos todo o roçado...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Bom inverno! Em pouco tempo
Meu legume vi nascer!
Chamei Joanna para vel-o...
Tudo então era prazer!
Que alegria sente a gente,
Vendo o que planta crescer!

Tudo viçoso sorria...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Bom inverno! Após a limpa
Todo o milho apendoou;
A mandioca escurece...
O meu arroz cacheou;
Girimum e feijão verde
Logo em casa se provou!

Como é bom ter-se um roçado...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Agora nosso alimento
Tiramos lá do roçado,
Comemos tão satisfeitos
Depois foi pormos plantado

Mesmo lembrando as fadigas,
Que nos custou o bocado!

Comemos todos os dias...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Se é preciso, a minha Joanna
De milho faz um angú;
Com dois páos de mandioca
No caso faz um beijú;
Se mais quer... traz do roçado
De macacheira um urú.

Assim passo com meus filhos
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Sempre aqui a mesa posta,
Em breve, em breve o dinheiro!
Qu' importa pesada renda,
Que m'importa o dizimeiro?
Inda assim! hei de ter milho
Para mais d'um estaleiro!

Muito espero na colheita...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo fartura!

Mais doce me corre a vida
Por causa do meu roçado:
Ai, Joanna, bem me dizias,
Que um taco de chão plantado,
E' melhor do que a penuria,
De quem trabalha alugado!

E' assim, Joanna, assim quero...
Ventura!
Hei de ter sempre um roçado
Sempre em casa esta fartura!

JUVENAL GALENO

BIB... Classif... Cheg... Entr...

O RIO DO PEIXE

Semanario Catholico, de propriedade diocesana

Assignatura annual . . . . . 15$000

COM O FIM DE PROPAGAR AS BOAS LEITURAS, A ADMINISTRAÇÃO DESSE JORNAL VEM MANTENDO UMA SECÇÃO DE LIVROS ESCOLARES, LEITURAS MORAES E MANUAES DE PIEDADE

Encontram-se entre outros:

ADOREMUS (simples, dourado ou encadernação em couro)
GOFFINÉ (simples e dourado)
O DEVOTO DE S. JOSÉ
MEZ DE MARIA, DO CORAÇÃO DE JESUS
NOVENAS DO PERPETUO SOCCORRO, DE S. THEREZINHA

Romances moraes:

Fogo mal extincto — Henry Ardel
Herdeiro do Castello — F. B. R.
Esposos e martyres — Montmeril
A madrasta christã — Monniet
A Caridade conduz a Deus — Archier
E outros

TINTA AQUARELLA, LAPIS, PENNA, PAPEL, CADERNOS ESCOLARES, PINCEIS, PAPEL DE SEDA, POSTAES, TUDO VENDE «O RIO DO PEIXE»

A administração encarrega-se de pedido de qualquer encommenda para as casas editoras catholicas do Paiz, bem como de assignatura de qualquer jornal ou revista catholica.